

Genuszuweisung von Ad-hoc-Entlehnungen

Eine linguistische Untersuchung kubanischer Migranten in Berlin

Atribuição de gênero de empréstimos culturais Ad-hoc

Um estudo linguístico de imigrantes cubanos em Berlim

Texto de Apresentação

O papel da linguagem em uma sociedade não se limita a ser apenas uma faculdade que os seres humanos possuem para se expressar, pelo contrário, ela deve ser tida como uma instituição. As peculiaridades de cada idioma ou dialeto podem definir toda uma cultura e até mesmo o modo de se pensar e raciocinar. Assim como outras instituições, a linguagem possui propriedades reguladoras que podem vir a moldar uma sociedade. Em um mundo onde a informação é um bem valiosa e também transmitida na velocidade da luz, a linguística pode prover instrumentos para que as diversas sociedades, ao longo do tempo, se comuniquem cada vez melhor.

O trabalho de Franziska Schwantuschke é um estudo aprofundado de uma específica parte do grande espectro que o estudo da linguística proporciona. Contudo, é mais um pequeno passo em direção a um mundo em que as misturas culturais são cada vez mais frequentes. Sejam elas impulsionadas por questões econômicas, militares ou sociais, o fato é que as migrações não seguem mais exclusivamente o fluxo de países pobres para países ricos. A globalização e o sistema capitalista, sempre em expansão, internacionalizaram o mundo com a revolução industrial tecnológica.

O grupo que a autora escolheu para estudar foram os imigrantes cubanos residentes em Berlim. O tema é a atribuição dos gêneros em alemão, bem como em espanhol. Toma-se um tipo de empréstimo lexical específico, o empréstimo de gênero. Após a apresentação de um apanhado teórico, é realizado um estudo empírico entre 17 cubanos, com níveis diferenciados de conhecimento da língua alemã. Foram aplicados a eles um questionário e teste de atribuição dos artigos às palavras alemãs. Coletados os resultados, aplicou-se a linguagem universal da matemática para explicar o que é predominante no processo de seleção dos gêneros em oradores que tenham uma certo domínio das duas línguas (espanhol e alemão).

O sistema de Gêneros em espanhol é binário, possuindo apenas os gêneros masculino e feminino (*El, La*). O sistema alemão é ternário (67% são palavras masculinas, 20% neutras e 13% femininas) difere pelo masculino, feminino e neutro (*der, die e das*) e difere das línguas latinas tornando difícil aos oradores se dissociarem de sua língua pátria na atribuição do gênero. Os imigrantes tendo como língua matriz o espanhol, ao se inserirem num ambiente tomado por outra língua, neste caso o alemão, tendem a realizar empréstimos linguísticos.

Existem vários tipos de empréstimos: o cultural se dá através de um choque entre as respectivas culturas, tal como ocorria no período mercantilista, assim uma linguagem passa a adotar palavras de outros idiomas ou origens. Tais empréstimos podem vir a se tornar de outro tipo com o passar do tempo, tornando-se um empréstimo estabelecido. Mas o objeto do estudo é analisar um tipo especial (Ad-hoc) conferido ao gênero.

O interlocutor ao se expressar processa o gênero através das conexões das diferentes representações à que ele tem acesso (em espanhol e em alemão) e seleciona a representação que mais fortemente ativada em sua mente. Fatores como a imersão na nova língua e os equivalentes em tradução influenciam no processo de seleção psicolinguística do gênero, assim como a transparência

do mesmo, ou seja, se é atribuído ao sexo. Com isso, o fluxo de informações tende a se processar na língua matriz e é essa conjectura que é comprovada pelo estudo empírico estatístico, mais especificamente o teste qui-quadrado de distribuição de probabilidades.

A questão fundamental é saber se o interlocutor monolíngue sempre utiliza o equivalente em tradução para determinação do gênero, ou se, como interlocutores bilíngues, utilizam-se do empréstimo de gênero. Para responder tal questão, o teste mede a frequência com que o empréstimo de gênero ocorre, ou pelo contrário, como o questionado usou dos princípios semânticos, sendo essa a hipótese nula (não). Também considera um total de 53 substantivos alemães e é requerido aos participantes se conhecem seus gêneros e equivalente em espanhol. Os resultados absolutos foram entre os 17 entrevistados, 294 vezes tomaram emprestado o gênero e 220 vezes prosseguiu-se o uso da analogia semântica.

Em testes qui-quadrado adota-se uma hipótese nula, que nesse caso é a de que a atribuição e escolha do gênero estão igualmente distribuídas, por conseguinte, não indica preferência por um ou outro gênero. Essa hipótese nula deverá ser rejeitada a um nível de 0,1099% de significância. Assim o elevado número de empréstimos não é aleatório e sim significativo, levando a rejeição da hipótese nula e, portanto é um indício de que outros fatores determinam a atribuição de gênero. A média de erros se mostrou em torno de aproximadamente 18 palavras com designação incorreta de gêneros, totalizando 34% das palavras. Sendo 48% das designações no masculino e 52% no feminino.

Outro fator que determina a designação do gênero é a proficiência da linguagem e, por conseguinte o maior domínio da atribuição dos gêneros. Os inquiridos com baixo domínio da atribuição de gênero tendem a adotar a designação masculina como valor padrão do empréstimo. A transparência do gênero é outro fator determinante. Em alemão, alguns substantivos possuem, em sua escrita, um indício de seu gênero, como as palavras terminadas em *-heit* ou *-ung* são, sem exceções, femininas. A distinção entre o substantivo ligado a sua origem alemã como para seu gênero, gênero é um indicativo de marcação morfológica em substantivos, e é superior ao gênero sem marcação, sendo esse mais frequentemente tomado.

Os resultados se mostraram ir de encontro às propostas de Rothe¹ (2012) em que generaliza o interlocutor. A competência de gênero não é decisiva para determinar se um orador segue o princípio de empréstimo ou de analogia ou semântica. O gênero original da palavra emprestada aparentemente desempenha um papel de maior importância.

Certamente que para um estudo mais amplo sobre a questão deveria tomar uma amostra muito maior que apenas 17 pessoas, assim como uma análise de suas bases reais de fala, uma vez que empréstimos fonéticos também ocorrem, e como garantia de que a palavra ou expressão é conhecida e utilizada. Finalizando, a autora também levanta novas questões, além de sugerir uma análise das mídias da internet como blogs e fóruns. Enfim, como mencionado anteriormente, dando um passo a frente ao entendimento da diversidade cultural através dos fenômenos da linguagem.

Silvia Borges Dondi Guido²

¹ Rothe, Astrid. *Genus und Mehrsprachigkeit: Zu Code-Switching und Entlehnung in der Nominalphrase*. Heidelberg. 2012.

² Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010). Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia Internacional e Competição Econômica. Professora de alemão. Contato pelo e-mail: silviabdguido@gmail.com
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

Genuszuweisung von Ad-hoc-Entlehnungen

Eine linguistische Untersuchung kubanischer Migranten in Berlin

Atribuição de gênero de empréstimos Ad-hoc

Um estudo linguístico de imigrantes cubanos em Berlim

*Franziska Schwantuschke*³

130

Abstract: Die vorliegende Arbeit beschäftigt sich mit der Genuszuweisung von kulturellen Ad-hoc-Entlehnungen. Neben einer theoretischen Betrachtung dienen Sprachdaten, die mittels eines Fragebogens erhoben wurden, zur Fundierung der theoretischen Annahmen. Das Ziel der Arbeit ist es, den Sprachenwechsel zwischen Determinierer und Nomen bei kubanischen Migranten in Berlin zu beschreiben. Dabei wird der Frage nachgegangen, welche Komponenten Einfluss auf die Genuszuweisung haben. Die Ergebnisse zeigen, dass eine wort- und sprecherspezifische Betrachtungsweise von Nöten ist. Entgegen der ursprünglichen Annahme, hat die Genuskompetenz des Sprechers geringen Einfluss auf die Genuszuweisung. Eine viel größere Rolle spielt das ursprüngliche Genus des entlehnten Wortes und dessen Markiertheit.

Schlagwörter: kubanische Migranten, Genuszuweisung, Sprachkontakt, Ad-hoc-Entlehnungen.

Abstract: The paper concentrates on the gender assignment of cultural ad-hoc-borrowings. Besides a theoretical contemplation, speech data which was raised by means of a questionnaire will serve to underpin the theoretical supposition. The aim of the paper is to describe the language switch between the determiner and the noun produced by cuban immigrants in Berlin. In the course of the paper the question will be followed which components influence the gender assignment. The results show that a speaker- and word-specific consideration is necessary. Against the initial assumption, the speaker's gender competence has a low influence on the gender assignment. The original gender of the borrowed word and its markedness is more significant.

Keywords: Cuban migration; gender assignment; language contact; ad-hoc loan words.

Resumen: El trabajo presentado se dedica a la asignación de género de préstamos culturales ad hoc. A parte de una perspectiva teórica, se usan datos lingüísticos cuales fueron levantado a través de un cuestionario para fundamentar las suposiciones teóricas. El objetivo de este trabajo es la descripción del cambio de las lenguas entre el determinante y el nombre en caso de migrantes cubanos en Berlín. Teniendo en cuenta esto, va a ser seguida la pregunta, cuales son los componentes que influyan a la asignación de género. Los resultados muestran que una observación específica en cuanto a las palabras y a los hablantes es indispensable. En contra de la suposición inicial, la competencia de género del hablante tiene poca influencia a la asignación de género. Mayor papel juegan el género original de la palabra prestada y si la palabra es marcada.

Palabras clave: Migración cubana; asignación de género, contacto de lenguas; préstamos ad-hoc.

³ Abgeschlossenes Bachelorstudien an der Humboldt-Universität zu Berlin in den Fächern Spanisch und Germanistische Linguistik. Zur Zeit Studentin des binationalen Masterstudiengangs „Deutsch als Fremdsprache: Estudos interculturais de língua, literatura e cultura alemãs“ der Universität Leipzig und der UFPR.

Resumo: O presente trabalho dedica-se à atribuição de gênero de empréstimos culturais ad hoc. Além da perspectiva teórica, utiliza-se de dados linguísticos levantados por meio de questionário para fundamentar as suposições teóricas. O objetivo do trabalho é apresentar uma descrição da alternância das línguas entre o artigo e o substantivo entre migrantes cubanos em Berlim. Assim, será perseguida a seguinte pergunta: quais são os componentes que influenciam à atribuição de gênero? Os resultados mostram que uma observação específica relativa às palavras e aos falantes é indispensável. Ao encontro da suposição inicial, a competência de gênero do falante tem pouca influência à atribuição de gênero. Maior papel cabe ao gênero original da palavra emprestada e se a palavra é marcada.

Palavras-chaves: Migração cubana; atribuição de gênero; contato de línguas; empréstimos ad-hoc.

Einleitung

In Kapitel 1 wird dafür zunächst die gemischte Nominalphrase betrachtet. In 1.1 werden die Bezeichnungen *Einwort-Switch* und *Entlehnung* definiert und voneinander abgegrenzt. Anschließend werden die Motivation (1.2) und die Typen der Entlehnung (1.3) dargelegt.

Im Kapitel 2 wird die grammatische Kategorie Genus allgemein in den Sprachen der Welt (2.1) und dann spezifisch in den untersuchten Sprachen Spanisch und Deutsch (2.2) vorgestellt.

Das Kapitel 3 wird den Prozess der Genuszuweisung auf psycholinguistischer Ebene beschrieben. 3.1 erklärt diesen bei einem Sprachsystem und in 3.2 wird ausgehend von einem Modell von Rothe (2012) näher auf die Genuszuweisung bei Sprachwechseln genusinkogruenter Nomen eingegangen. Anschließend werden in 3.3 weitere Einflussfaktoren der Genuszuweisung betrachtet.

Im Kapitel 4 wird die eigens für diese Arbeit durchgeführte Untersuchung vorgestellt. Die erhobenen Daten werden in 4.1 unter verschiedenen Gesichtspunkten ausgewertet. Im Fokus steht dabei die Frage, unter welchen Bedingungen das Genus eines Nomens in einer gemischten Nominalphrase mitentlehnt wird. Nach einer kurzen Zusammenfassung der Ergebnisse und einer Interpretation der Daten anhand der Optimalitätstheorie (4.2) werden in Kapitel 6 die zentralen Erkenntnisse dieser Arbeit zusammengefasst.

1. Sprachmischung innerhalb der Nominalphrase

Bei Untersuchungen von Sprachmischungen wird meist der Fokus auf Sprecher mit zwei Erstsprachen gelegt. Allerdings werden auch bei Sprechern mit nur einer Erstsprache Sprachmischungen beobachtet.

In Berlin gewinnt das Spanische neben Türkisch und Arabisch immer mehr Bedeutung im Sprachkontakt mit dem Deutschen. Die Koexistenz der Muttersprachen der Migranten ist ein interessanter Untersuchungsgegenstand.

Wenn Spanisch und Deutsch über einen längeren Zeitraum in Kontakt treten oder aus soziolinguistischen Gründen einen starken Einfluss aufeinander haben, dann kann es dazu führen, dass die Sprecher der Sprachgemeinschaft die beiden Sprachen mischen. Deutsch und Kubaspanisch treten gerade auf individueller Sprecherebene (ideolektal) in Kontakt. Eine mögliche Konsequenz dieses Sprachkontakts ist die Aufnahme von (sprachlichen) Konzepten, die vor dem Kontakt noch nicht existent waren (vgl. Rothe 2012:9f.). Am häufigsten werden in diesem Zusammenhang Nomen, Adjektive und Verben, seltener hingegen Adverbien, Pronomen, Artikel, Quantifizierer, Demonstrative und Präpositionen entlehnt: „Generally, content words are borrowed, and function words are resistant“ (Sankoff 1990:77).

Die hohe Anzahl nominaler Entlehnungen und dessen grammatische Einbettung in die Nehmersprache⁴, machen die NP zu einem interessanten Untersuchungsgegenstand. Jedem Nomen muss ein Genus zugewiesen werden, aber das ursprüngliche Genus muss nicht immer mit dem des nehmersprachlichen Übersetzungsäquivalents (ÜÄ) kongruent sein.

1.1. Entlehnung und Einzelwort-Switch

Code-Switching ist der „[...] Wechsel von Sprachen innerhalb einer Konversation, zumeist durch denselben Sprecher“ (Edel 2007:2). Syntaktisch wird zwischen satzinternem

⁴ Da in dieser Arbeit die gemischte NP als Entlehnung betrachtet wird, werden die Termini Gebersprache (Deutsch) und Nehmersprache (Spanisch) an Anlehnung an Rothe verwendet. Es sei darauf hingewiesen, dass auch Termini wie Matrixsprache vs. eingebettete Sprache (Myers-Scotton) oder Ausgangs- vs. Zielsprache (Winter-Froemel) durchaus üblich sind.

(*intrasentential*) und satzexternem (*intersentential*) Code-Switching unterschieden. Die Sprachmischung innerhalb einer Nominalphrase fällt unter satzinternes Code-Switching.

Entlehnung hingegen ist die Übernahme und Integration eines sprachlichen Elements von einer Sprache in die andere.

In der Entlehnungs- und Code-Switching-Forschung existiert eine rege Diskussion um die Frage, wann es sich bei einer gemischten Nominalphrase um Code-Switching und wann um Entlehnung handelt und ob überhaupt eine Unterscheidung beider Phänomene möglich ist. Im Folgenden soll Shana Poplacks *Two-Constraints-Modell* kurz vorgestellt werden:

Poplack entwickelte das *Two-Constraints-Modell*, welchem zwei Prinzipien zugrunde liegen, für deren Erfüllung die Oberfläche des Satzes entscheidend ist. Zum einen geht Poplack davon aus, dass der Sprecher die Sprache nur an syntaktischen Grenzen wechseln kann, an denen die beiden grammatischen Systeme kongruent sind. Diese Annahme wird durch den *Equivalence Constraint* formuliert. Zum anderen negiert der *Free Morpheme Constraint*, die Existenz eines Sprachwechsels zwischen einem gebundenen und einem freien Morphem. Wenn die phonologische Integration des freien Morphems in die Sprache des gebundenen Morphems gegeben ist, kann ein Sprachwechsel jedoch vollzogen werden. Allerdings handelt es sich dann nicht um Code-Switching, sondern um Entlehnung (vgl. Edel 2007:44). So ist das Verb *anmeldear* in „*Me voy a anmeldear al Amt*“⁵ eine Entlehnung, da *-ar* ein gebundenes Morphem ist. Da das Substantiv *Amt* morphologisch nicht markiert bzw. mit Nullmorphem markiert ist, ist eine Entscheidung bei diesem Wort nicht eindeutig.

Laut des *Equivalence Constraint* ist Code-Switching an Stellen nicht möglich, an denen die Sprachsysteme unterschiedlichen Regeln, z.B. bezüglich der Wortstellung, unterworfen sind. Beispielsweise steht im Englischen das Adjektiv immer vor dem Nomen. Im Spanischen hingegen ist sowohl die prä- als auch die postnominale Stellung möglich. Laut Poplack handelt es sich deswegen bei **a car nuevo* nicht um Code-Switching, sondern um Entlehnung.

⁵ Entnommen aus: <http://www.goethe.de/ins/us/lp/prj/toa/nec/liv/de5939285.htm> (letzter Zugriff: 9.3.2012 um 19:30).

Auch ein Sprachwechsel innerhalb eines Kompositums z.B. *tiene su Pröfung del Auto* wird bei Poplack als Entlehnung analysiert. Da das Deutsche eine andere Zusammensetzung von Komposita vorsieht als das Spanische, wird hier der Equivalence Constraint verletzt, sodass es sich nicht um Code-Switching handeln kann (vgl. Edel 2007:106).

Neben der syntaktischen Beschränkung rechtfertigen auch morphologische und phonologische Veränderungen in der Nehmersprache eine Entscheidung, ob es sich bei dem anderssprachigen Lexem um ein Einzelwort-Switch oder um Entlehnung handelt. Betrachtet man beispielsweise die regelmäßigen Pluralbildung, so verfügt das Spanische über die Pluralallomorphe *-s*, *-es* und *-Ø*. Das Deutsche bildet den Plural meist auf *-e*, *-e(n)*, *-er* oder *-Ø*. Das deutsche Pluralallomorph *-s* ist bei nicht-nativen Nomen phonetisch bedingt und hier besonders häufig feststellbar, aber auch bei nativen Wörtern durchaus produktiv (z.B. *Mädels*). Da der Plural nach nehmersprachlichen Regeln gebildet wird und der Free Morpheme Constraint somit verletzt wird, ist die Pluralbildung in (1) ein Indiz dafür, dass es sich hier um Entlehnung und nicht um Code-Switching handelt:

(1) *Muchos Kindergartens ofrecen paseos a bosques, zoológicos y museos en su curriculum.*⁷

(2) *Yo le digo: "pero los Kindergärten los pagan los padres".*⁸

Der vermeidliche Umkehrschluss, dass es sich bei (2) aufgrund der gebersprachlichen Pluralbildung um Code-Switching handelt, ist jedoch nicht allgemeingültig. Hat z.B. ein Migrant die deutschen Flexionsformen im Lexikon abgespeichert, so kann es sich auch bei (6) um eine Entlehnung handeln, da er auf beide grammatischen Systeme zurückgreifen kann.

Eine Entlehnung unterliegt somit im Gegensatz zum Code-Switching weder dem Equivalence Constraint noch dem Morpheme Constraint.

⁶ Bei drei Paradigmata kann zudem der Stammvokal umgelautet werden.

⁷ Entnommen aus: http://es.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_educaci%C3%B3n_de_Alemania (letzter Zugriff: 5.3.2012 um 11:46).

⁸ Entnommen aus: <http://histdeal.blogspot.com/2008/07/el-italiano-que-piensa-como-hobbes.html> (letzter Zugriff: 5.3.2012 um 12:17).

Die Integration des Wortes in die Nehmersprache ist also ausschlaggebend dafür, ob es sich um ein Einzelwort-Switch (nicht integriert) oder um eine Entlehnung (morphologisch und syntaktisch integriert⁹) handelt.

Poplack und Sankoff gehen davon aus, dass die Phänomene Code-Switching und Entlehnung als zwei getrennte Prozesse angesehen werden müssen. Allerdings behaupten sie selbst, dass „code-switching and borrowing often have similar outcomes“ (Sankoff et al 1990:72) und „[i]t might seem to be a straightforward matter, then, to distinguish singleword switches from loanwords“ (Sankoff et al. 1990:73).

Da die in dieser Arbeit untersuchten Nomen (vgl. Kapitel 5) in keinem real-sprachlichen Kontext eingebunden sind, bleibt eine Entscheidung, ob es sich um Code-Switching oder um Entlehnung handelt, offen¹⁰. Je nach Kompetenz des Sprechers sind beide Prozesse wahrscheinlich. Für den Verlauf der Arbeit werden die von den kubanischen Migranten gemischten Nominalphrasen als Entlehnungen angenommen.

1.2. Motivation für Entlehnungen

Beherrscht ein Sprecher zwei Sprachen, so steht ihm das Bedeutungsspektrum beider Sprachen zur Verfügung. Findet er in einer Sprache nicht das richtige Wort, so kann er auf das Lexikon der anderen Sprache zurückgreifen. Die Sprachmischung hat allerdings nur dann einen kommunikativen Effekt, wenn beiden Gesprächspartnern die Bedeutung der fremdsprachlichen Elemente bekannt ist.

Rothe führt zwei Funktionen für die Entlehnung eines Nomens an. Zum einen kann die L2 in der Sprachgemeinschaft der L1 besonders prestigeträchtig sein und der Entlehnungsprozess soll anzeigen, dass der Sprecher der anderen Sprache mächtig ist. Das zeigt sich beispielsweise durch die Nutzung der französischen Sprache im 17. und 19. Jahrhundert in Deutschland, die Kultiviertheit demonstrieren sollte (vgl. Rothe 2012:15). Im Fall von Migranten könnte eine ähnliche Funktion Grund für Entlehnungen sein, da es denkbar ist,

⁹ Die phonologische Realisierung allein ist kein Unterscheidungsmerkmal. Auch eine Entlehnung muss nicht vollkommen phonologisch integriert sein (vgl. Sankoff et al 1990:72).

¹⁰ Pütz (1993) geht sogar davon aus, dass keine Unterscheidung angenommen werden kann.

dass deutsche Entlehnungen verwendet werden, um dem Gesprächspartner die Vertrautheit mit der deutschen Sprache zu demonstrieren.

Zum anderen kann die Entlehnung eine referentielle Funktion haben. Der Terminus kulturelle Entlehnung (*cultural loans*) bezeichnet Entlehnungen, die semantische oder funktionale Lücken eines Sprachsystems kompensieren.

Wenn monolinguale Sprecher lange in einer anderssprachigen Gesellschaft leben, können sie in der L2 ein hohes Kompetenzniveau erreichen. Obwohl Sankoff 1990 behauptet, dass bei dem Entlehnungsprozess nur das grammatische System der Nehmersprache aktiv sei, zeigen Strukturen¹¹, die sich nur mithilfe beider Sprachen beschreiben lassen, dass eine Deaktivierung der Gebersprache nicht vollständig möglich ist. Wenn in einer Situation beide Sprachen adäquate Alternativen sind (z.B. wenn auch der Gesprächspartner beide Sprachen beherrscht) oder häufig im Wechsel genutzt werden, dann sind beide Sprachen aktiv:

[T]he extent to which a language can be deactivated depends upon how frequently that language is used. Languages that are frequently used cannot be completely deactivated (Hermans et al. 1998, zitiert aus Edel 2007:26).

Die referentielle Funktion erleichtert dem Sprecher den Kommunikationsprozess, wenn er das richtige Wort in einer Sprache nicht findet, wenn es gar nicht existiert oder wenn eine Paraphrasierung zu kompliziert wäre. Bestimmte Lexeme eines semantischen Feldes können in der L2 präsenter sein als in der L1. Intuitiv greift der Sprecher auf das am schnellsten verfügbare Wort zurück (vgl. Banaz 2002:73).

1.3. Typen der Entlehnung

Die Entlehnungen lassen sich je nach Merkmal in verschiedene Typen unterteilen. Ein mögliches Gruppierungsmerkmal ist der Grad der Integration. Die Entlehnung durchläuft beim Entlehnungsprozess verschiedene Stadien der Integration:

¹¹ Vgl. Bsp. (2) in 1.1: Die Pluralbildung nach den Regeln der Gebersprache zeigt, dass beide Sprachsysteme bei der Produktion aktiv sind.

Dieser Prozeß beginnt mit der individuellen Verwendung eines Wortes [...], begleitet von einer phonetischen Adaptation und einer syntaktischen Integration. Durch häufiges Verwenden desselben Begriffs innerhalb einer Sprachgemeinschaft findet eine sukzessive Etablierung in der Erstsprache L1 statt, wobei der Begriff schließlich ins Lexikon aufgenommen wird (Özdil 2010:43).

Wie Abbildung 1 zeigt, ist die Annahme eines Integrationskontinuums sinnvoll, bei dem die etablierte Entlehnung und die Ad-hoc-Entlehnung mit ihren sprachlichen Merkmalen die beiden Pole des Kontinuums bilden (vgl. 1.3.1).

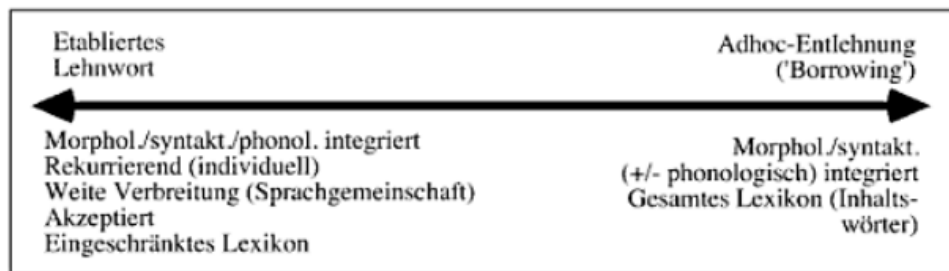


Abbildung 1: Stufen der Entlehnung nach Poplack et al. 1985 (entnommen aus Özdil 2010:45).

Außerdem kann die Entlehnung mit dem Lexikon der Nehmersprache verglichen werden. Hinsichtlich des Verhältnisses einer Entlehnung zu ihrer Nehmersprache unterscheidet Myers-Scotton nach *cultural* und *core borrowings* (vgl. 1.3.2).

1.3.1. Etablierte Entlehnung und Ad-hoc-Entlehnung

Laut Poplack sind Entlehnungen und Code-Switching strikt voneinander zu unterscheiden, da sie zwei verschiedener Prozesse zugrunde liegen¹², Ad-hoc-Entlehnungen und etablierte Entlehnungen stellen zwei Extreme eines Spektrums dar.

¹² Entgegen Poplacks Meinung behaupten viele Code-Switching-Forscher, dass oft (besonders an der strukturellen Oberfläche) keine Unterscheidung zwischen Code-Switching und Entlehnung vorgenommen werden kann (vgl. Treffers-Daller 1991, Myers-Scotton 1993).

Nonce borrowings in the speech of bilinguals differ from established loanwords in that they are not necessarily recurrent, widespread, or recognized by host language monolinguals. With established loanwords, however, they share the characteristics of morphological and syntactic integration into the host language and consist of single content words or compounds (Sankoff at al. 1990:71).

Für eine spontane Entlehnung schlägt Poplack in Anlehnung an Weinrich (1953) den Terminus *nonce borrowing* vor. In der deutschsprachigen Literatur findet man vor allem *momentane Entlehnung* oder *Ad-hoc-Entlehnung* als Bezeichnung dieses Phänomens.

Poplack definiert es als „[...] an incorporation from another language uttered a single time by a single speaker in some reasonably representative corpus“ (Sankoff at al. 1991:185).

In der ersten Phase des Integrationsprozesses unterliegt die Nominalphrase der Genusschwankung, das heißt, dass das Genus des entlehnten Nomens noch nicht terminiert ist und von Sprecher zu Sprecher oder von Sprechakt zu Sprechakt variieren kann.

Falls im Laufe der Zeit mehrere Sprecher die Entlehnung verwenden, kann sich die ursprüngliche Ad-hoc-Entlehnung zu einer etablierten Entlehnung entwickeln. Mit steigender Verwendungsfrequenz nimmt der Kontakt zur Gebersprache ab. Wenn auch monolinguale Sprecher, die über keine Kenntnisse der Gebersprache verfügen, das Wort verwenden, integrieren sie es nach morphologischen, syntaktischen und phonologischen Regeln der Nehmersprache. Obwohl eine phonologische Integration nicht zwingend ist, muss das Nomen zumindest syntaktisch und morphologisch integriert werden, um nicht gegen das Regelsystem der Nehmersprache zu verstoßen. Die Genusschwankung ist somit ein Indikator geringer Integration. Mit häufiger Nutzung integriert sich das entlehnte Nomen und wird einem Genus fest zugewiesen. Bei hohem Integrationsgrad kann sich die veränderte phonologische Realisierung (3) sogar in der Schriftsprache (4) widerspiegeln:

(3) Englisch: [ʔz ɪpəʔ] → Kubaspanisch: [ʔs ɪpɛr]

(4) Englisch: <zipper> → Kubaspanisch: <siper>

Ad-hoc-Entlehnungen werden wie Entlehnungen behandelt, sind allerdings noch nicht im Lexikon der Sprechergemeinschaft etabliert (vgl. Edel 2007:47). Im Gegensatz zu etablierten Entlehnungen sind Ad-hoc-Entlehnungen idiolektal distribuiert und von der Sprechergemeinschaft nicht allgemein akzeptiert. Sie fordern ein Mindestmaß an Sprachkompetenz der Gebersprache (vgl. Pütz 1993:191).

Für monolinguale Sprecher muss die Entlehnung nicht mehr als Fremdwort erkenntlich sein. Da der monolinguale Sprecher nur über ein Lexikon verfügt, ist es offensichtlich, dass die Entlehnung aus dem Lexikon der Nehmersprache stammt. Aus welchem Lexikon die Ad-hoc-Entlehnung entnommen wird und ob ein oder zwei Lexika existieren, ist allerdings nicht bekannt (vgl. Edel 2007:50f.). Myers-Scotton behauptet: „[b]orrowed forms, however, have become part of the ML (*Anm.: Nehmersprache*) lexicon [...] (while, of course, they also may remain active in the source language)“ (Myers-Scotton 1993:16).

1.3.2. Kulturelle Entlehnung¹³

Im Gegensatz zur Ad-hoc-Entlehnung und der etablierten Entlehnung, die sich durch ihren Grad der Integration und der Nutzungsfrequenz differenzieren, charakterisiert sich die kulturelle Entlehnung durch ihre Funktion. Somit ist nicht auszuschließen, dass kulturelle Entlehnungen *ad hoc* entstehen und sich mit der Zeit etablieren.

Myers-Scotton 1993 unterscheidet Entlehnungen nach *cultural* und *core borrowing*. Erstere „[...] represent objects or concepts new to the ML culture [...]“ und zweitere „[...] are items for which the ML always has viable equivalents. Thus, core loans meet no real lexical needs and may be largely or entirely redundant“ (Myers-Scotton 1993:169).

Laut Myers-Scotton sind *core borrowings* nicht sehr frequent und werden fast ausschließlich von Sprechern gebraucht, die beide Sprachen flüssig beherrschen (vgl. Myers-Scotton 1993:169).

¹³ Viele Beispiele für etablierte, kulturelle Entlehnungen aus dem Deutschen finden sich auf dem Poster „Wanderwort“ des Goethe-Instituts.

Eine Zwischenform stellt ein Lexem da, das zwar übersetzt werden kann, aber von Sprechern in der einen Sprache als aussagekräftiger oder zutreffender gesehen wird. Aufgrund soziokultureller Veränderungen kann eine genauere Bezeichnung notwendig sein.

Aus psycholinguistischer Sicht ist das Aufrufen eines wenig frequenten Lexems schwieriger. Wenn es in der anderen Sprache häufiger verwendet wird, wird das Lexem für den Moment entlehnt. So behauptet Banaz:

[E]inem türkischen 'Gastarbeiter', der zu Hause und mit seinen Familienangehörigen in der L1 und bei der Arbeit mit seinen Kollegen in der L2 kommuniziert, fällt es sicherlich leichter, Fachausdrücke wie 'Urlaub', 'Vorarbeiter' oder 'Arbeitserlaubnis' in der L2 auszudrücken als in der L1 (Banaz 2002:11).

Myers-Scotton erwähnt neben der Funktion lexikalische Lücken der Gebersprache zu füllen, noch einen weiteren Grund, für das Auftreten kultureller Entlehnungen:

[B]ecause certain types of contact situation promote desires to identify with the EL (*Anm.: Gebersprache*) culture, or at least with aspects of it. Making words used in that culture part of one's own repertoire is an obvious means of such identification (Myers-Scotton 1993:172).

2. Grammatische Kategorie Genus

2.1. Genus in den Sprachen der Welt

Das Genus ist eine grammatische Kategorie, die eine paradigmatische Einteilung des Nomeninventars einer Sprache vornimmt. Im Idealfall verteilen sich die Nomen einer Sprache disjunkt auf die verschiedenen Genusklassen, die in ihrer Anzahl von Sprache zu Sprache variieren. Die Genussprachen Europas basieren auf dem indoeuropäischen Dreiklassensystem, das zwischen Maskulinum, Femininum und Neutrum unterscheidet.

Diese Dreiteilung ist heute noch im Deutschen, Isländischen und in den slawischen Sprachen vorzufinden. In den romanischen Sprachen hingegen fand im Laufe der Sprachentwicklung eine Reduktion von einem Drei- auf ein Zweiklassensystem statt, bei dem das indoeuropäische Maskulinum und das Neutrum zu einem *genus commune* zusammen fielen (vgl. Hoberg 2004:8). Im modernen Spanisch lässt sich an einigen neutralen Formen das ursprüngliche Neutrum erkennen (vgl. 2.2.1).

Hier sei nur kurz darauf verwiesen, dass nicht alle Sprachen der Welt eine Genuskategorisierung aufweisen. Einige Sprachen unterteilen ihr Nomeninventar in Numeralklassen (z.B. Chinesisch, Japanisch) oder in Nominalklassen (z.B. Bantusprachen). Außerdem gibt es Sprachen, die keine Klassifikation aufweisen (z.B. Indianersprachen in Amerika und Finno-Ugrisch).¹⁴

Im Gegensatz zu anderen grammatischen Kategorien wie Numerus oder Kasus ist das Genus einem Nomen inhärent, das heißt, es ist ein konstantes Merkmal. Dass das Genus Teil des Lexikoneintrags des Nomens ist und nicht jedes Mal neu zugewiesen wird, beweist die Beobachtung, dass Muttersprachler sehr selten Fehler bei der Genuszuweisung machen: „If the gender of every noun were remembered individually, we would expect more errors“ (Corbett 1991:7). Die Genuszuweisung eines Nomens kann dabei sowohl semantisch als auch formal motiviert sein. In einigen Fällen scheint sie sogar rein arbiträr zu sein, da die Motivation synchron nicht mehr zu erschließen ist.

Corbett nimmt an, dass die Klassifizierung eines Nomens im Kern semantisch basiert ist: „[...] gender always has a semantic core: there are no gender systems in which the genders are purely formal categories“ (Corbett 1991:307).

Die Unterteilung kann nach semantischen Eigenschaften eines Gegenstandes wie z.B. Belebtheit, Sexus oder Form erfolgen. Formale Kriterien unterscheiden nach phonologischen und morphologischen Merkmalen eines Nomens.

Corbett unterteilt die Genussprachen hinsichtlich ihrer Genuszuweisungskriterien in drei Gruppen: semantische, formale und gemischte Systeme.

¹⁴ Für eine ausführliche Darstellung der Nominalklassifikation der Sprachen der Welt vgl. Corbett 1991.

Generell stellt sich die Frage, welche Funktionen das Genus innerhalb eines Sprachsystems übernimmt. Wenn das Genus beispielsweise eine semantische Opposition durch Genusdifferenzierung markiert (z.B. *el periodista* vs. *la periodista*), dann fungiert es auf semantischer Ebene.

Die syntaktische Funktion der Korrespondenz (*agreement*) bzw. der Rektion (nach Eisenberg) durch den nominalen Kopf einer Nominalphrase (NP) legt das Genus der ganzen NP fest. Diese setzt sich aus Bezugseinheiten zusammen, die das Nomen determinieren oder modifizieren (vgl. Hoberg 2004:5). Daraus ergibt sich die zweite Funktion, die Vereinfachung und Desambiguierung anaphorischer Ausdrücke. Über eine Phrase bzw. einen Satz hinaus besteht die Möglichkeit, Referenzbezüge durch anaphorische Korrespondenz zur vorher erwähnten NP herzustellen¹⁵. Corbett fasst die Funktionen der Kongruenzmarkierung und der Desambiguierung anaphonischer Bezüge unter dem Begriff *reference tracking* zusammen (Corbett 1991:322).

Welche Wortarten Genus markieren, ist sprachspezifisch. Im Folgenden werden das Genussystem des Spanischen und das des Deutschen kontrastiv dargestellt.

2.2. Kontrastive Darstellung des spanischen und deutschen Genussystems

2.2.1. Anzahl der Genuskategorien

Ein wesentlicher Unterschied zwischen den beiden analysierten Sprachen ist die Anzahl der Genuskategorien. Das Deutsche verfügt wie nur noch wenige Sprachen der Welt über ein ternäres (Maskulin, Feminin und Neutrum) und das Spanische, wie für romanische Sprachen typisch, über ein binäres (Maskulin, Feminin) Genussystem. Die Annahme, dass das Spanische auch über ein Neutrum verfüge, lehnt Ojeda 1984 ab, da die neutrale Form nie auf ein spezifizierbares lexikalisches Substantiv referiere. Vergleicht man das deutsche Neutrum

¹⁵ Auf das Nomen *Mädchen* kann durch die Pronomen *sie* als auch und *es* referiert werden (externe NP). Dementsprechend sind auch beide Possessivpronomen *ihr* und *sein* zulässig, da sich semantische und morphologische Regeln überlappen. „Strenger“ verhält sich die Genuskongruenz innerhalb einer NP, da die morphologischen den semantischen Regeln übergeordnet sind: *ein hübsches* vs. **eine hübsche Mädchen* (vgl. Corbett 1991:183).

und die spanischen neutralen Formen, scheint die Ausgliederung im spanischen Genussystem gerechtfertigt: Bei der neutralen Form des Spanischen handelt es sich um eine Sonderform, da sich der neutrale Artikel *lo* nicht ausschließlich auf ein Nomen beziehen kann und da das Neutrum keinem Nomen inhärent ist. Im Gegensatz zum Maskulinum und Femininum gibt es keine Pluralformen (*el peor* und *los peores* vs. *lo peor* und **los peores*). Neben dem neutralen Artikel *lo* gibt es das neutrale Personalpronomen *ello* und die Demonstrativpronomen *esto*, *eso*, *aquello*. Die neutralen Formen im Spanischen sind der Verbleib eines historischen Dreiklassensystems und dient heute lediglich zur Referenz auf außersprachliche Sachverhalte. Schwarze spricht deshalb von zwei *controller genders* und drei *target genders* (vgl. Schwarze 2008:94). Im Gegensatz dazu verfügt das Deutsche über drei *controller genders* und drei *target genders*.

Das *controller gender* wird einem Nomen auf syntaktischer Ebene zugewiesen und das *target* wird auf syntaktischer Ebene an Funktionswörtern markiert (vgl. Corbett 1991:155). Je mehr kongruierende Einheiten in einer Sprache markiert werden, desto syntaktisch leistungsfähiger ist sie¹⁶. Die folgende Tabelle zeigt die Gemeinsamkeiten und Unterschiede des Spanischen und des Deutschen hinsichtlich der Genusmarkierung:

	Deutsch	Spanisch
Artikel/Determinativ	+	+
Personalpronomen 3. Ps.Sg. 1.-3. Ps. Plural	+ (3 Ausprägungen) -	+ (2 Ausprägungen ohne lo) +
Possessivpronomen 3. Ps.Sg. 1.-2. Ps. Plural	+ -	- +
Adjektiv attributiv prädikativ	+ -	bei Genusunterscheidenen Adjektiven + +
Partizip im Passiv	-	+

Tabelle 1: Genusmarkierte Einheiten in den Kontrastsprachen Spanisch und Deutsch
(nach Hoberg 2004:22)

¹⁶ Im Deutschen sind aufgrund des komplexen Flexions- und Genussystems syntaktisch komplexe Strukturen möglich, die so nicht ins Spanische übertragbar sind: das [der [dem [die Kinder liebenden] Präsidenten nahestehenden] Frau anvertraute] Kind (Fries 2001:13).

2.2.2. Der Defaultwert

Aus sprachökonomischen Gründen wird ein Defaultwert nicht gekennzeichnet. Nur bei einer Abweichung von diesem muss eine morphologische Markierung erfolgen. Nach Wegener stellt das deutsche Maskulinum aufgrund der unausgeglichene Verteilung der Kernwörter auf die Genera (67% Maskulina, 20% Neutra, 13% Feminina) einen Defaultwert dar. Bei fehlender konkurrierender Motivation wird einem Nomen im Deutschen demnach das Maskulinum zugewiesen (vgl. Wegener 1995:62). Sie behauptet deshalb, dass das Genusmerkmal von maskulinen Einsilbern nicht im mentalen Lexikon vermerkt werde, da, wenn keine anderen Regeln greifen, Einsilbern immer der Defaultwert maskulin zugewiesen wird. Das gleiche Prinzip trifft für Derivate zu, bei denen das Genus bereits durch das Derivationsuffix gespeichert ist (vgl. Wegener 1995:88).

Ausgehend davon, dass alle Nomen im Deutschen maskulin sind, bedarf es immer einem semantischen Grund und/oder morphologischen „Mehr“, um ein anderes Genus zu markieren. Zu klären wäre dann, wie nicht produktive Bildungen wie *die Ente* > *der Enterich* zu analysieren sind.

Auch im Spanischen ist das maskuline Genus der Defaultwert, denn obwohl eine Großzahl der spanischen Nomen durch die *-o/-a*-Opposition morphologisch markiert sind, existiert auch die *-ø/-a*-Opposition. Corbett bezeichnet das Maskulinum der romanischen Sprachen als „Auflösungsform“ (vgl. Corbett 1991:290). Die maskuline Auflösungsform ist der femininen überlegen, wenn sich die Äußerung auf eine unspezifische Gruppe (z.B. *¿tienes hijos?*) oder auf eine Gruppe, die aus Entitäten beider Sexus besteht, bezieht (z.B. *los estudiantes*).

Ein weiteres Argument dafür, dass Maskulinum ein „Sammelgenus“ ist, ist Hobergs Untersuchung zu englischen Entlehnungen im Deutschen und in den romanischen Sprachen. Wenn das unmarkierte Genus mit dem Prinzip der semantischen Analogie konkurriert, z.B. *der Event* vs. *das Event* (semantische Analogie zu *Ereignis*), dann kann es zur

Genusschwankung kommen (vgl. Hoberg 2004:71).¹⁷ Scholz erklärt, dass „[...] anfängliche Genusschwankungen bei Lehnwörtern auf unterschiedliche Evaluationen der einzelnen Indikatoren bzw. Regularitäten oder auf unterschiedliche morphologische Analysen einzelner Sprecher zurückzuführen sind [...]“ (Scholz 2007:25).

2.2.3. Gemischte Genussysteme

Sowohl das deutsche als auch das spanische Genussystem werden bei Corbett als gemischte Systeme eingestuft. Ihnen wird also ein Zusammenspiel semantischer und formaler Kriterien für die Genuszuweisung unterstellt (vgl. Corbett 1991).

Auf semantischer Ebene ist beiden Systemen die Korrelation von Genus und natürlichen Geschlecht (Sexus) belebter Entitäten gemein. Es gibt Nomen, die auf eine belebte Entität referieren, deren Sexus nur durch das Genus erkennbar ist (z.B. *el/la periodista*), weil beide Nomen formal gleich sind. Manche Personenbezeichnungen wie beispielsweise im Spanischen *persona* oder im Deutschen *Opfer*¹⁸ haben ein Genus inhärent und werden für beide Geschlechter verwendet. Das bedeutet, dass Sexus und Genus korrelieren können, aber nicht äquivalent sind.

Wie bereits erwähnt kann das Genus sowohl im Deutschen als auch im Spanischen zum Beispiel bei Homonymen eine bedeutungsdifferenzierende Funktion haben (Sp.: *el/la capital*, Dt.: *der/das Bund*¹⁹). Aber nicht alle Homonyme werden auf diese Art unterschieden (Sp.: *banco*, Dt.: *Bank*).

Eine Bedeutungsspezifizierung übernimmt das Genus bei *la lente* und *los lentos* (vgl. Bünnagel 1993:86). Des Weiteren kann eine kontextuelle und stilistische Variation erreicht werden, wie im Spanischen bei *el/la mar* und im Deutschen bei *der/das Apfelmus*.

¹⁷ Die Annahme, dass Entlehnungen vorrangig das maskuline Genus zugewiesen wird, wird in der Untersuchung (5.3.3) näher betrachtet.

¹⁸ Davon abzugrenzen sind außerdem die spanischen Titel, wie z.B. *Majestad*. Corbett führt auf, dass solch abstrakte Nomen Feminina sind, aber z.B. ein im Maskulin stehendes Prädikat nimmt: *A Su Majestad suprema, el cual está muy contento aquí en Valencia, le recibieron con muchos aplausos. Él se mostró muy emocionado* (vgl. Corbett 1991:230).

¹⁹ Für eine tabellarische Auflistung vieler deutscher Homonyme mit inkongruentem Genus vgl. Helbig/ Buscha 2001:250).

Oft geht die semantische Motivation mit der morphologischen einher. *Amig-a* und *Freund-in* sind Feminina, weil sie sich einerseits auf semantischer Ebene auf weibliche Entitäten beziehen und weil sie andererseits auf morphologischer Ebene durch ein Morphem bzw. Movierungssuffix gekennzeichnet sind. Ein weiteres Beispiel für das Deutsche ist, dass Abstrakta, die auf *-heit* oder *-keit* enden, feminin sind (z.B. *Freiheit*) (vgl. Edel 2007:31). Die Klassifizierung der Genera deutscher Nomen nach semantischen Kriterien stellt sich allerdings als wenig effektiv heraus, da es viele kleine Untergruppen gibt und sich zu jeder vermeidlichen Regel viele Gegenbeispiele finden lassen (vgl. Wegener 1995:69). Außerdem stehen formale Regeln im Deutschen hierarchisch höher als semantische. Das wohl bekannteste Beispiel dafür ist *Mädchen*. Es zeigt, dass die Morphologie der Semantik überlegen ist, da nicht das feminine Genus, welches es nach semantischen Regeln haben müsste, sondern das neutrale Genus, welches vom Diminutivsuffix *-chen* angezeigt wird, zugewiesen wird.

Im Deutschen gibt es also Derivationsuffixe, die dem Derivat ein Genus zuweisen. So bilden die Derivationsuffixe *-lein* und *-chen* ausnahmslos neutrale und *-heit*, *-keit* und *-ung* feminine Derivate. Neben der Derivation durch genusbestimmende Ableitungssuffixe verfügt das Deutsche über „Pseudosuffixe“ wie *-e*, *-er*, *-el*. Formal gleichen sie zwar den „echten“ Suffixen, allerdings stellen sie lediglich Tendenzen zu einem Genus dar.²⁰

Auch im Spanischen gibt es neben den bereits erwähnten Morphemen *-o*, *-e*, $-\emptyset$ und *-a* Suffixe, die genusanzeigend sind. So verweisen beispielsweise *-umbre*, *-ismo* auf maskulines und *-idad*, *-ción* auf feminines Genus (vgl. Alarcón 2006:10).

Die spanischen Morpheme *-o*, *-e*, $-\emptyset$ und *-a* können sowohl auf morphologischer als auch auf phonologischer Ebene als genusanzeigend betrachtet werden.

Das Deutsche verfügt über wenige phonologisch motivierte Genuszuweisungs-regularitäten. Einsilber, deren Vokalstamm ein Diphthong ist, sind in der Regel Maskulina oder Neutra; beginnen oder enden sie mit einem Konsonantencluster sind sie Maskulina (vgl. Fries 2001:31). Köpcke und Zubin (1983) haben hinsichtlich dieser Beobachtung Versuche

²⁰ Für eine tabellarische Übersicht der Derivations- und Pseudosuffixe des Deutschen vgl. Wegener 1995:73.
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

durchgeführt, bei denen Probanden Kunstwörtern ein Genus zuweisen sollten. Die Untersuchung traf auf starke Kritik, da unter anderem nur zwei der drei Genera für die Zuweisung zur Auswahl standen. Des Weiteren wurde kritisiert, dass die phonologischen Regeln nur auf einen kleinen Ausschnitt des deutschen Nomeninventars angewandt werden können.

Die phonologische Evidenz scheint im Deutschen die Genuszuweisung nur unter der Voraussetzung zu steuern, dass keine semantische oder morphologische Evidenz vorliegt (vgl. Fries 2001:12). Für das Deutsche lässt sich somit die Genusregel-Hierarchie *morphologische < semantische < phonologische Regeln* aufstellen.

Für das Spanische ist die Hierarchie *semantische < morphologische Regeln* anzunehmen.²¹

2.2.4. Genustransparenz

„Das spanische [...] Genussystem ist durch eine sehr hohe formale Transparenz gekennzeichnet, wenn man beispielsweise nur die Anzahl an möglichen Auslaute [...] vergleicht“ (Eichler 2011:207). Die größte Gruppe der Nomen lautet im Spanischen auf *-o* oder *-a* aus, die Maskulina bzw. Feminina markieren. Für beide Klassen gibt es wenige Ausnahmen²², z.B. *el día* und *la mano*, die beide historisch bedingt sind. Seltener sind hingegen die Allomorphe *-e* (z.B. Demonstrativpronomen *este*) und *-∅* (z.B. *un*) die das Maskulin markieren zu finden²³. Die beiden Morpheme *-o* und *-a* markieren auch an den targets das Genus (z.B. *nuestr-a amig-a es muy lind-a*). Die durchgehende Markierung des Genus an den targets macht das spanische System sehr übersichtlich. Auch in Verbindung mit dem Plural lassen sich die Flexive im Spanischen sehr klar segmentieren: *l-o-s* vs. *l-a-s*.

Unter der phonologischen Kondition, dass ein feminines Nomen auf einem betonten *a* anlautet, kommt es bei unmittelbarer Voranstellung des femininen definiten Artikels zur

²¹ Es handelt sich hierbei lediglich um eine Vermutung. Diese müsste näher auf ihre Validität untersucht werden.

²² Nach einer Untersuchung von Teschner/ Russell 1984 enden unter den im Diccionario de la Lengua Española aufgeführten Nomen 0,13% Feminina auf *-o* und 3,7% Maskulina auf *-a* (aus Alarcón 2006:9).

²³ Man könnte argumentieren, dass das Verhältnis von drei maskulin anzeigenden Allomorphen *-o*, *-e*, *-∅* zu nur einem feminin anzeigenden Morphem *-a* die Annahme eines unmarkierten Genus Maskulin bestätigt.

Apokopierung (z.B. *el agua*). Die Allomorphie trägt zur Nivellierung der Klassenmarkierung bei (vgl. Schwarze 2008:100).

Das Deutsche verfügt im Gegensatz zum Spanischen nicht über solche genusanzeigenden Morpheme. Die spanischen Morpheme *-o* und *-a* lassen sich jedoch mit dem deutschen Movierungssuffix *-in* vergleichen. Im Spanischen können auch nicht-belebte Referenten der morphologischen Klassifikation *-o* und *-a* unterliegen. Es handelt sich um ein rein formales Kriterium, das keinerlei semantische Motivation hat. Das deutsche Movierungssuffix *-in* ist allerdings semantisch restringiert, da es sexusanzeigend ist.

Hinsichtlich nicht-belebter Referenten verfügt das Deutsche neben „Pseudosuffixen“, die nicht auf ein Genus schließen lassen, sondern höchstens zur Exklusion eines Genus führen, auch über „echte“ Suffixe. Der Geltungsbereich der deutschen Suffixe ist allerdings sehr begrenzt.

Das deutsche Genussystem ist nicht nur durch die Anzahl der Klassen, sondern auch durch die Polyfunktionalität des Artikels wesentlich komplexer als das spanische Genussystem. Im Deutschen zeigt der Artikel genau wie im Spanischen neben den grammatischen Kategorien Genus und Numerus zusätzlich noch den Kasus an. Das deutsche System bräuchte 24 Formen, um die Kategorien in einem Artikel eineindeutig auszudrücken. Jedoch verfügt das Deutsche nur über drei definite Artikel. Der Synkretismus führt dazu, dass im Plural kein Genus mehr unterschieden wird, weil der bestimmte Artikel im Plural für die drei Genera gleichlautend *die* ist.²⁴

Da das Spanische über ein sehr durchgängiges, einheitliches Genussystem verfügt, gilt es als *overt* (Corbett 1991). Trotz des hohen Maßes an Synkretismus wird das deutsche Genussystem zwar noch *overt* eingestuft, es ist aber weniger durchsichtig als das spanische. Das deutsche Genussystem scheint grammatikalisierter als das Spanische (vgl. Schwarze 2008:171).

²⁴ Die Genus-Numerus-Beziehung kennzeichnet im Spanischen ein paralleles System und im Deutschen ein konvergentes System (vgl. Corbett 1991:155).

2.2.5. Genus und Wortbildung²⁵

Ein besonders produktives Wortbildungsverfahren des Deutschen ist die Komposition. Das Determinativkompositum setzt sich aus Determinator und Determinatum zusammen. Im Deutschen ist das Determinatum das morphologisch dominante Element des Kompositums, dessen Genus, Wortklassenzugehörigkeit und Flexionsmerkmale auf das Kompositum übertragen werden (vgl. Edel 2007:30).

Auch im Spanischen existiert dieses Wortbildungsverfahren, jedoch ist es weniger produktiv als im Deutschen. Beide Sprachen unterscheiden sich hinsichtlich ihrer Köpfigkeit: Während der Kopf im Deutschen (6) am weitesten rechts²⁶ steht, ist es im Spanischen (5) meist das links stehende Wortbildungselement.

⁽⁵⁾ Dt.: (Säge_{FEM}-(Fisch_{MASK}))_{MASK}

⁽⁶⁾ Sp.: ((pez_{MASK})-sierra_{FEM})_{MASK}

Bei der Derivation legt in der Regel das Suffix das Genus des Derivats fest:

⁽⁷⁾ Dt.: Eigen-schaft_{FEM} – Eigen-tum_{NEUT}

⁽⁸⁾ Sp.: jardin-ero_{MASK} – jardin-ería_{FEM}

Im amerikanischen Spanisch finden Diminutivsuffixe häufige Anwendung. In der Genusanalyse nehmen sie einen besonderen Status ein, da sie nicht genusedeterminierend sind, sondern sich dem Genus des Nomens anpassen (z.B: papel-ito vs. cas-ita). In beiden Sprachen handelt es sich bei den genusedeterminierenden Affixen fast ausschließlich um Suffixe. Im Deutschen ist zum Beispiel das Präfix *Ge-* neutrumzuweisend. Obwohl diese *Ge-*Präfigierung eine Ausnahme der Rechtsköpfigkeit bedeuten könnte (vgl. *Stein* > *Gestein* > *Muttergestein*), argumentiert Plank 1986, dass mit dem *Ge-*Präfix auch ein nicht immer realisiertes Suffix *-e* angenommen werden muss, welches die Rechtsköpfigkeit wieder

²⁵ In diesem Kapitel werden nur Wortbildungen verglichen, die auch für die spätere Untersuchung relevant sind.

²⁶ Die in der Untersuchung vorkommenden unisegmentalen Kurzwörter sind Determinator des Kompositums. Dementsprechend wird ihnen das Genus genau wie der entsprechenden Vollform zugewiesen.

bekräftigen würde. Da fast alle *Ge*-präfigierten Nomen, eine kollektive Bedeutung haben, überlappen sich bei ihnen morphologische und semantische Kriterien (vgl. Corbett 1991:50).

Die durch Kürzung entstandenen Kurzwörter übernehmen sowohl im Deutschen (9) als auch im Spanischen (10) meist das Genus ihrer Ausgangseinheit (Vollform):

(9) *PIB_{MASK} (Producto_{MASK} interno bruto)_{MASK}*

(10) *BIP_{NEUT} (Bruttoinlandsprodukt_{NEUT})_{NEUT}*

Um auf das Genus des Kurzworts schließen zu können, muss demnach die Vollform und deren Genus bekannt sein. Sie sind also nicht genustransparent.

3. Psycholinguistische Betrachtung des Genus

Wie bereits in 2.1 erwähnt, scheint die Genuszuweisung in der L1 ein Automatismus zu sein. Da sich nur äußerst selten Abweichungen von der standardsprachlichen Norm beobachten lassen, ist davon auszugehen, dass das Genus gemeinsam mit dem Nomen abgespeichert wird und nicht jedes Mal neu zugeordnet werden muss. Im Folgenden wird der Verarbeitungsprozess des Genus knapp dargestellt, um anschließend den Selektionsprozess des Genus bei genusinkogruenten Nomen zu erklären.

3.1. Verarbeitung des Genus

Die linguistischen Eigenschaften von Wörtern werden auf verschiedenen Ebenen repräsentiert. Jedes lexikalische Konzept ist auf syntaktischer Ebene (Lemmaebene) mit einem Lemma verbunden. Dieses Lemma verweist auf Knoten, die die syntaktischen Eigenschaften des Lemmas repräsentieren. So ist zum Beispiel das Lemma eines Nomens mit Knoten verbunden, die die syntaktische Kategorie, Nomen, und sein grammatisches Genus kodieren, welches ein unveränderliches Merkmal darstellt. Die phonologische und morphologische Form eines Wortes ist auf der Lexemebene gespeichert.

Bei der lexikalischen Verarbeitung werden die Verbindungen zwischen den Knoten auf den verschiedenen Repräsentationsebenen aktiviert und je nach Stärke der Aktivierung selektiert (vgl. Schriefers/ Jescheniak 2003:252f.).

In diesem Zusammenhang existieren verschiedene Annahmen über den Aktivierungsfluss zwischen Lemmaebene und phonologischer Ebene. Dell (1986) nimmt einen kaskadierenden Aktivierungsfluss zwischen beiden Ebenen an und Levelt und Mitarbeiter (1999) gehen von diskret-seriellen Prozessen aus.

3.2. Selektionsprozess genusinkogruenter Nomen

Bei der Produktion einer gemischten Nominalphrase wird auf das Nomen zugegriffen, dessen Genus selektiert und anschließend von dem Genus auf den Artikel geschlossen. Miozzo und Carmazza unterscheiden dabei nach stark overten (früh selektierten) Systemen und weniger overten (spät selektierten) Systemen:

In früh selektierenden Sprachen kann der bestimmte Artikel aufgrund der syntaktischen Genusinformation des Nomens bestimmt werden, während für spät selektierende Sprachen der bestimmte Artikel erst nach Zugriff auf die phonologische Form des nachfolgenden Wortes bestimmt werden kann (Miozzo/ Carmazza (1999) zitiert aus Schriefers/ Jescheniak 2003:256).

In diesem Zusammenhang stellt sich die Frage, ob ein zweisprachiger Sprecher über ein oder über zwei Genussysteme verfügt. Cantone und Müller (2008) postulieren, dass ein Sprecher mit einer niedrigen L2-Kompetenz über ein gemeinsames (integriertes) Genussystem verfügt, wohingegen ein Sprecher mit ausgewogener Kompetenz der L1 und L2 auf zwei autonome Systeme zurückgreift. Da es sich bei der vorliegenden Untersuchung um Migranten mit niedriger bis hoher, jedoch nicht ausgeglichener, Sprachkompetenz handelt, ist in dieser Arbeit nur das gemeinsame Genussystem von Interesse.

Die Abbildung 2 zeigt die vorher beschriebene Lemmaebene mit ihren syntaktischen Eigenschaften. Zur Vereinfachung sind hier nur Nomen und Genera dargestellt.

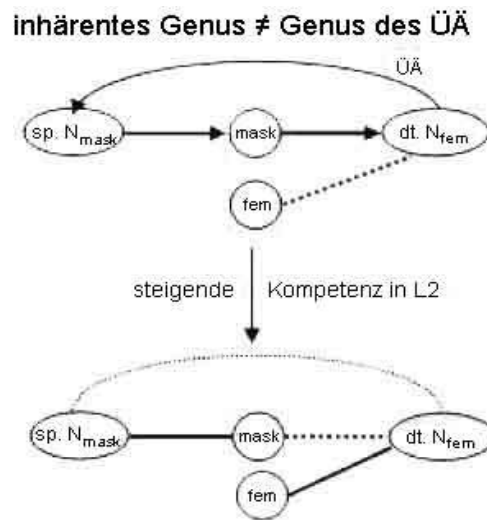


Abbildung 2 (nach Rothe 2012: 217, leicht abgeändert)

Der dargestellte Prozess zeigt die Genuszuweisung gemischter Nominalphrasen bei Genusinkongruenz des entlehnten Nomens (dt. N) und des nehmersprachlichen Übersetzungsäquivalents (sp. N). Im oberen Teil der Abbildung ist der Genuszuweisungsprozess eines monolingualen Sprechers mit niedriger L2-Kompetenz dargestellt und im unteren Teil der eines monolingualen Sprechers mit hoher L2-Kompetenz²⁷. Das deutsche Nomen wird zunächst mit dem spanischen Übersetzungsäquivalent verknüpft, dessen Genus dann dem deutschen Nomen zugewiesen wird. Die Verbindung zwischen deutschem Nomen und seinem ursprünglichen Genus ist nicht so stark (gestrichelte Linie) wie die Verbindung zum Übersetzungsäquivalent (durchgezogene Linie). Der Sprecher würde demnach in der gemischten NP das Genus des Übersetzungsäquivalents favorisieren. Mit steigender Kompetenz in L2 wird hingegen die Verbindung vom deutschen Genus zum ursprünglichen Genus stärker als die zum Übersetzungsäquivalent, wodurch der Sprecher das Genus mitentlehnt.

Unter der Stärke der Verbindung wird die gegenseitige Aktivierungsstärke der Knoten untereinander verstanden. Das deutsche Nomen aktiviert die umliegenden Knoten. Da nur

²⁷ Es handelt sich bei dem Übergang von einem zum anderen Teil um einen Prozess. Während einige Nomen bereits mit dem Genusknoten der Nehmersprache verbunden werden, sind andere noch stärker mit dem Übersetzungsäquivalent verbunden.

ein Knoten der genuszuweisende Zielknoten sein kann, kommt es zum Selektionsprozess: „[j]eder zu selektierende Zielknoten [hat] Konkurrenten, die ein niedrigeres Aktivierungsniveau als der Zielknoten aufweisen müssen, damit letzterer selektiert werden kann“ (Eichler 2011:207).

Wenn hingegen die Verbindung des entlehnten Nomens zum Übersetzungs-äquivalent und dessen Genus und zum ursprünglichen Genus ungefähr gleichstark ist, kann es zur Genusschwankung der Entlehnung kommen.

3.3. Weitere Einflussfaktoren auf den Selektionsprozess

3.3.1. Einfluss des Übersetzungsäquivalents

Bisher wurde lediglich die Sprachkompetenz als Einflussfaktor auf die Genuszuweisung bei genusinkongruenten Nomen betrachtet. Ein weiterer möglicher Aspekt ist das Verhältnis des Lexikons der L2 zu dem der L1. In Rothes Modell findet der Fall, dass es im Lexikon der L1 kein „deckungsgleiches“ Übersetzungsäquivalent zum entlehnten Nomen gibt, keine Beachtung. Sie erwähnt lediglich kurz das konzeptuelle Merkmalsmodell (*conceptual feature model*) von Kroll und de Groot (1997). Dieses Modell verfolgt den Ansatz, dass jedes einzelne Wort einer Sprache bestimmte konzeptuelle Merkmale aktiviert (vgl. Abb. 3). Diese aktivierten Merkmale können sich zwischen den Sprachen unterscheiden. Laut Kroll und de Groot haben Konkreta viele gemeinsame Merkmale, die von Sprache zu Sprache aktiviert werden. Abstrakta hingegen sind hinsichtlich ihrer aktivierten Merkmale sehr sprachspezifisch und haben nur bedingt ein Übersetzungsäquivalent (vgl. Abb. 3).

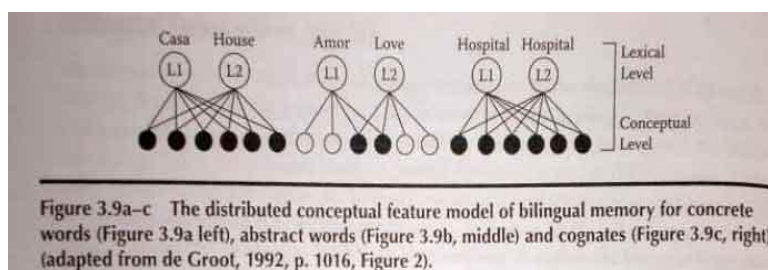


Abbildung 3 (entnommen aus Akin 2009: 22).

Diese Beobachtungen von Kroll und de Groot über Abstrakta lassen sich auch auf kulturelle Entlehnungen übertragen. Wenn die kulturelle Entlehnung aufgrund einer lexikalischen Lücke in der L1 stattfand, kann kein Übersetzungsäquivalent mit der Entlehnung aus der L1 verknüpft werden. Die Annahme, dass von einer L2-Form über das L1-Übersetzungsäquivalent auf das Konzept geschlossen wird, ist dann nicht mehr begründet. Aufgrund der soziokulturell veränderten Umgebung hat beispielsweise ein Migrant die Notwendigkeit, ein Konzept zu bezeichnen. Der ständige sprachliche *Input* aus der Umgebung ist der Begriff der L2, der in das Lexikon der L1 einfließt. Erst danach kann der Migrant eine lexikalische Verknüpfung zu dem eventuellen Übersetzungsäquivalent aufbauen. Demnach erfolgt die Verarbeitung nicht erst über das Übersetzungsäquivalent, sondern direkt über das gebersprachliche Genus des Nomens. Abbildung 3 zeigt nach dem Modell von Rothe die Repräsentation einer genusinkongruenten, kulturellen Entlehnung (dt. N_{MASK}) auf der Lemmaebene. Das Nomen hat eine starke Verbindung zum Genusknoten des ihm inhärenten Genus. Die möglichen Übersetzungsäquivalente werden nur leicht aktiviert (gestrichelte Linie). In der Abbildung 4 sind zwei mögliche, maskuline Übersetzungen angenommen worden. Generell gilt: Je mehr mögliche Übersetzungen eine Entlehnung vorweist, desto mehr Genusknoten können aktiviert werden. Gibt es keine angemessene Übersetzung, kann also nur der Genusknoten des entlehnten Nomens aktiviert sein.

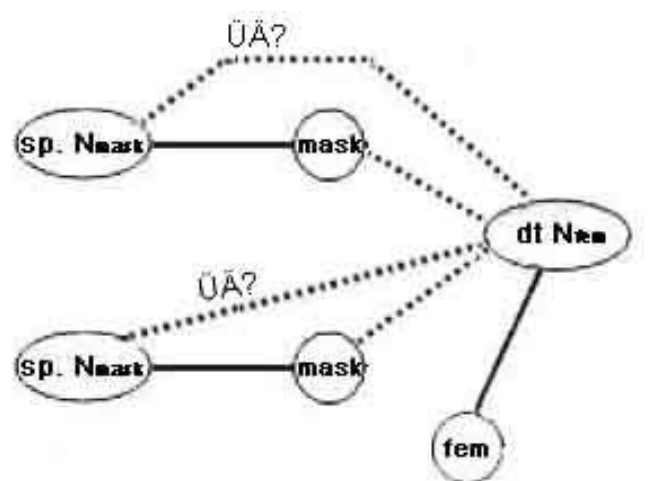


Abbildung 4: Verbindung der Genusknoten bei kulturellen Entlehnungen

3.3.2. Einfluss der Genustransparenz

Wenn ein Austausch zwischen der Lexemeebene und der Lemmaebene stattfindet, kann die Genustransparenz eines Wortes Einfluss auf das Abrufen der Genusinformation haben. Diese bidirektionale Aktivierungsausbreitung nimmt Dell in seinem *Interactive Activation Modell* an. Sogenannte *Feedback*-Signale geben Genusinformationen von der Lexem- an die Lemmaebene weiter.²⁸ Abbildung 5 vergleicht den Informationsfluss zwischen der Lemma- und der Lexemebene auf der linken Seite eines deutschen genustransparenten Nomens und auf der rechten Seite den eines genusintransparenten Nomens.

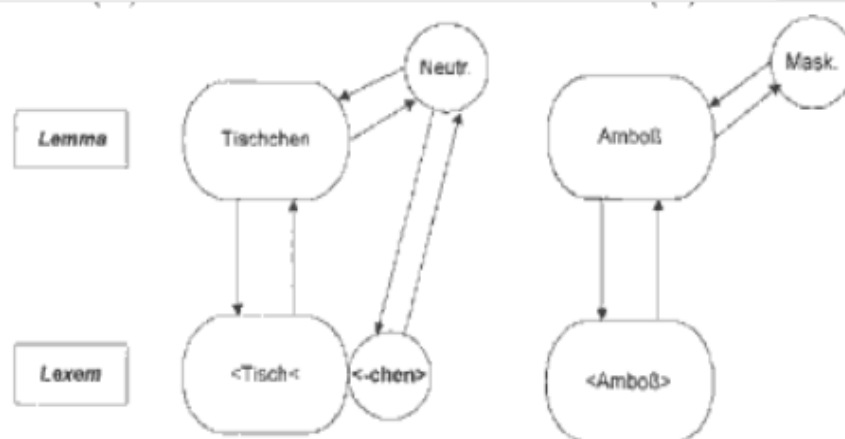


Abbildung 5 (entnommen aus Eichler 2011: 206)

Nach Eichler steht der Knoten der formalen Genusmarkierung in Verbindung mit dem Nomen auf der Lexemebene. Außerdem gibt es eine direkte Verbindung zwischen dem Knoten des genusmarkierenden Suffixes und dem Genusknoten auf der Lemmaebene. Dies begründet die Annahme, dass so Genusinformationen transparenter Nomen schneller abgerufen werden als die genusintransparenter Nomen.

²⁸ Diese Richtung des Informationsflusses wird in dem Modell von Levelt nicht angenommen.

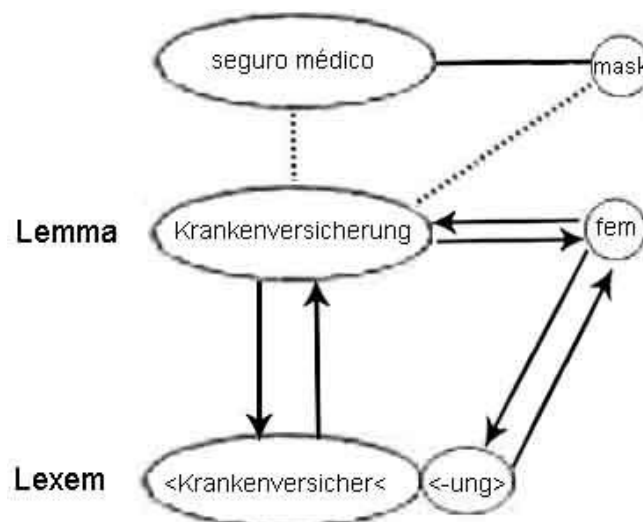


Abbildung 6: Verbindung der Genusknoten bei genustransparenten Nomen

Wie zuvor beschrieben ist das deutsche Genussystem nicht im gleichen Maße transparent wie das spanische. Nichtsdestotrotz gibt es im Deutschen Suffixe, die das Genus eindeutig markieren. Beispielsweise markiert das Derivationssuffix *-ung* feminine Derivate. In Abbildung 6 ist am Beispiel des Derivats *Krankenversicherung* der Informationsfluss zwischen der Lexem- und der Lemmaebene und die Verbindung zwischen Lemma und Übersetzungsäquivalent dargestellt. Auch bei genustransparenten Nomen ist die Aktivierung des gebersprachlichen Genusknotens höher als die des Übersetzungsäquivalents. Besonders durch die schnellere Selektion des Genus durch das genusanzeigende Suffix ist davon auszugehen, dass trotz der Konkurrenz mit dem Übersetzungsäquivalent das ursprüngliche Genus beibehalten wird.

Diese Vermutung ist Gegenstand der in Kapitel 4 vorgestellten Untersuchung.

4. Untersuchung

4.1. Fragestellung

Die folgende Betrachtung ist an eine Untersuchung von Rothe 2012 zur Sprachmischung innerhalb der NP angelehnt. Rothe untersucht die drei Sprachpaare Deutsch und

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

Spanisch/Französisch/Italienisch. Pro Sprachpaar werden Grammatikalitäts- und Akzeptabilitätsurteile gemischter Nominalphrasen von zwei Stichprobengruppen, bilinguale und monolinguale Sprecher²⁹, untersucht.

Rothe trifft die Einschätzung, dass „[...] die spanischen Einfach-Erstsprachigen [...] relativ unsicher [sind] und [...] teilweise keine klare Entscheidung für einen Artikel [treffen]. Wenn die spanischen Einfach-Erstsprachigen aber einen Artikel deutlich favorisieren, dann ist das der Artikel im Genus des jeweiligen spanischen Übersetzungsäquivalents“ (Rothe 2012:157).

Später konkretisiert sie ihre Aussage:

Während die Zweifach-Erstsprachigen in Sprachmischungen das dem Nomen inhärente Genus beibehalten, der Artikel also im Genus des anderssprachigen Nomens steht, weisen die Einfach-Erstsprachigen dem Nomen überwiegend das Genus des jeweiligen Übersetzungsäquivalents aus ihrer Erstsprache zu, in dem der Artikel dann übereinstimmt (Rothe 2012:198).

Neben Rothe teilt auch González diese Einschätzung. Er behauptet sogar, dass durch die Genuszuweisung ersichtlich ist, ob es sich um Einwort-Switch oder Entlehnung handelt:

Dabei stellt sich heraus, dass es einen guten Test zur Unterscheidung von entlehnten Nomen einerseits und *geswitchten* Nomen andererseits gibt. *Geswitchte* Nomen behalten das Genus, das sie in ihrer Herkunftssprache haben, während das Genus entlehnter Nomen an die eigene Sprache angepasst wird. Das spanische Nomen *torre* ('Turm') erhält ein unterschiedliches Genus von monolingualen Sprechern des Deutschen und Esplugischsprechern, also spanischdeutschen Bilingualen (González Vilbazo 2005:25).

Auch Edel vertritt die Meinung, dass Entlehnungen, genauer kulturelle Entlehnungen, immer mit dem Genus der Nehmersprache stehen:

²⁹ Rothe nutzt in ihrer Arbeit die Termini *Zweifach-Erstsprachige* und *Einfach-Erstsprachige*. Zum besseren Verständnis werden hier allerdings die gebräuchlicheren Begriffe *bilingual* und *monolingual* gebraucht. Die Sprecher der monolingualen Stichprobengruppe sind Lerner der deutschen Sprache. In Rothes Analyse werden sie nach Anfängern und Fortgeschrittenen unterteilt.

Es gibt eine Reihe von Elementen der eingebetteten Sprache, bei denen die Verwendung des Genus der eingebetteten Sprache die einzig schlüssige Annahme ist. Es handelt sich um Lexeme, die man als kulturelle Entlehnungen bezeichnen kann, die zum Wortschatz einer dt. Fachsprache gehören oder die kein direktes, nicht-paraphrasiertes Äquivalent im Spanischen besitzen. Diese Elemente stehen alle mit dem Genus der eingebetteten Sprache, wobei dt. Neutra span. mask. Werden (Edel 2007:141).

Diese weitverbreitete Annahme, dass (kulturelle) Entlehnungen vorzugsweise dem nehmersprachlichen Genus, d.h. mittels semantischer Analogie, zugewiesen wird, soll in dieser Arbeit in Frage gestellt werden. Die eigens für diese Arbeit ermittelten Daten sollen Aufschluss darüber geben, welche sprachlichen Merkmale Einfluss auf die Genuszuweisung kultureller Entlehnungen haben könnten und unter welchen Umständen das Genus mitentlehnt werden würde.

In der Untersuchung soll lediglich die Struktur des sprachlichen Phänomens untersucht werden. Da es sich nicht um real-sprachliche Äußerungen handelt, kann keine Aussage darüber getroffen werden, wann, wie häufig und in welchem Kontext die Strukturen geäußert werden.

Anhand eines Fragebogens (vgl. Anhang) wurden Daten von 17 kubanischen Mirgranten, die in Berlin leben, erhoben. Der Fragebogen umfasste 53 deutsche Nomen, die nach verschiedenen Kriterien ausgewählt wurden. Das wichtigste Kriterium war dabei die Genusinkongruenz des deutschen Nomens und seinem möglichen spanischen Übersetzungsäquivalent.

Durch die Genusinkongruenz gerät der Sprecher in den Konflikt der Genuswahl, da es wie in 3.3 beschrieben zu einem Selektionsprozess der aktivierten Genusknoten kommt. Der Sprecher kann das Genus mitentlehnen, das heißt, das gebersprachliche Genus übernehmen (*Genusentlehnung*), oder er folgt der semantischen Analogie, das heißt, er richtet sich nach dem Genus des möglichen Übersetzungsäquivalent.

Ausgehend von der Annahme, dass auch nicht-bilinguale Sprecher das Genus überwiegend mitentleihen (vgl. 4.2.1), wird der Einfluss der Genuskompetenz (vgl. 4.2.2) und der Genustransparenz (4.2.4) auf die Genuswahl untersucht. Außerdem soll die Annahme (vgl. 4.1.2), dass das Maskulinum das unmarkierte Genus ist, in 4.2.3 untersucht werden.

4.2. Auswertung

Die Datenauswertung der vorliegenden Untersuchung wurde mithilfe des Statistikprogramms *RStudio* erstellt. Aufgrund der geringen Anzahl der Befragten handelt es sich bei den Ergebnissen lediglich um Tendenzen. Sie stellen Ansätze dar, die in einer umfangreichen empirischen Studie belegt werden müssten.

Auf eine ausschließliche Anwendung statistischer Standardtests wie dem Chi-Quadrat-Test wird hier verzichtet³⁰. Zur besseren Anschaulichkeit und Verständlichkeit werden die Ergebnisse in Diagrammen vorgestellt. Des Weiteren wird auf weitere mathematische Berechnungen aufgrund der geringen Datenlage verzichtet.

Die grundlegende Frage ist, ob monolinguale Sprecher einer Entlehnung immer das Genus des möglichen Übersetzungsäquivalents zuweisen oder ob sie wie bilinguale Sprecher das Genus mitentleihen. Diese Frage soll in 4.2.1 untersucht werden. Des Weiteren wird untersucht, ob die Genuskompetenz einen Einfluss auf die Genusentscheidung hat (vgl. 4.2.2). Schließlich wird geschaut, ob das ursprüngliche Genus (4.2.3) und die morphologische Beschaffenheit (4.2.4) des Nomens Zuweisungsbeschränkungen darstellen.

4.2.1. Genusentlehnung

Bei der Genuszuweisung gemischter Nominalphrasen kann

- 1) das Ursprungsgenus beibehalten bzw. kopiert werden (Genusentlehnung).
- 2) das Genus des Übersetzungsäquivalents übernommen werden (semantische Analogie).

³⁰ Rothe wertet ihre Daten ausschließlich mit dem Chi-Quadrat-Test aus. Dabei wird die Nullhypothese, dass sich alle Wörter und Befragten gleich verhalten, formuliert. Die vorliegende Arbeit zeigt, dass sie das nicht tun.
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

Die zweite Zuweisungsmöglichkeit steht dem Sprecher nur zur Verfügung, wenn er über ausreichende Kenntnisse der Gebersprache und deren Genussystem verfügt. Deswegen flossen in die Auswertung nur Antworten ein, bei denen die Befragten sowohl das standardsprachlich korrekte deutsche Genus als auch ein Übersetzungsäquivalent oder eine Paraphrasierung kannten. Außerdem wurden Daten ausgeschlossen, bei denen das angegebene Übersetzungsäquivalent genuskongruent mit dem deutschen Nomen ist, da in diesem Fall anhand der Oberflächenstruktur nicht effektiv entschieden werden kann, nach welchen Kriterien die Genuszuweisung erfolgt.

Selbst wenn das deutsche Nomen und das gewählte Übersetzungsäquivalent genusinkongruent sind, heißt das selbstverständlich nicht, dass nur eines der beiden Prinzipien für die Zuweisung entscheidend war. So können zum Beispiel auch morphologische Kriterien ausschlaggebend für die Genuszuweisung des entlehnten Nomens sein. Deren Einfluss wird in 4.2.4 betrachtet. Zunächst werden allerdings nur die Genuszuweisungsprinzipien der Genusentlehnung und der semantischen Analogie angenommen.

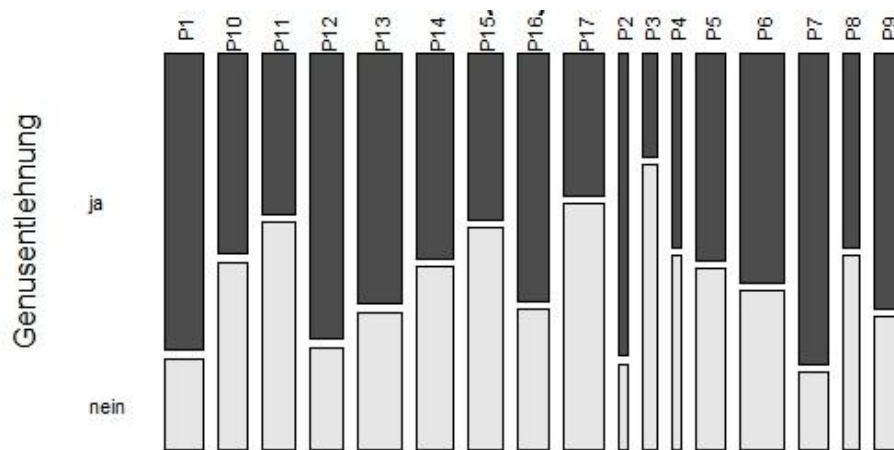


Abbildung 7: Anteil der Genusentlehnungen pro Befragter

In Abbildung 7 stellt der dunkle Anteil (*ja*) die Häufigkeit der Genusentlehnung eines Befragten dar. Der helle Anteil (*nein*) hingegen zeigt, wie oft der Befragte dem Prinzip der semantischen Analogie gefolgt ist. Auf der Abszisse sind die Befragten als P1 bis P17 aufgeführt. Man kann der Grafik entnehmen, dass P1 häufiger das Genus mitentlehnt als

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

P11. Die Dicke des Balkens stellt den ausgewerteten Anteil der Wörter je Befragter dar. Es wird deutlich, dass in die Auswertung wesentlich mehr Wörter von P13 ausgewertet wurden als von P2. Das mag einerseits daran liegen, dass die Befragten die Nomen nicht kannten oder ihnen ein falsches Genus im Deutschen zugewiesen haben. Andererseits ist es auch möglich, dass die Befragten ein anderes Übersetzungsäquivalent mit kongruentem Genus zum deutschen Nomen angegeben haben. Wie bereits erwähnt, verhalten sich die Befragten hinsichtlich der Genuszuweisung unterschiedlich. Ähnlich wie in Abb. 7 wird auch in diesem Balkendiagramm (Abb. 8) der Anteil der Genusentlehnungen und der Anteil der Zuweisungen nach semantischer Analogie dargestellt. In diesem Diagramm gibt die Dicke der Balken Aufschluss, ob die Befragten das Wort, dessen Genus und ein genusinkongruentes Übersetzungsäquivalent kannten. Auf der Abszisse befinden sich die untersuchten Nomen in alphabetischer Reihenfolge.

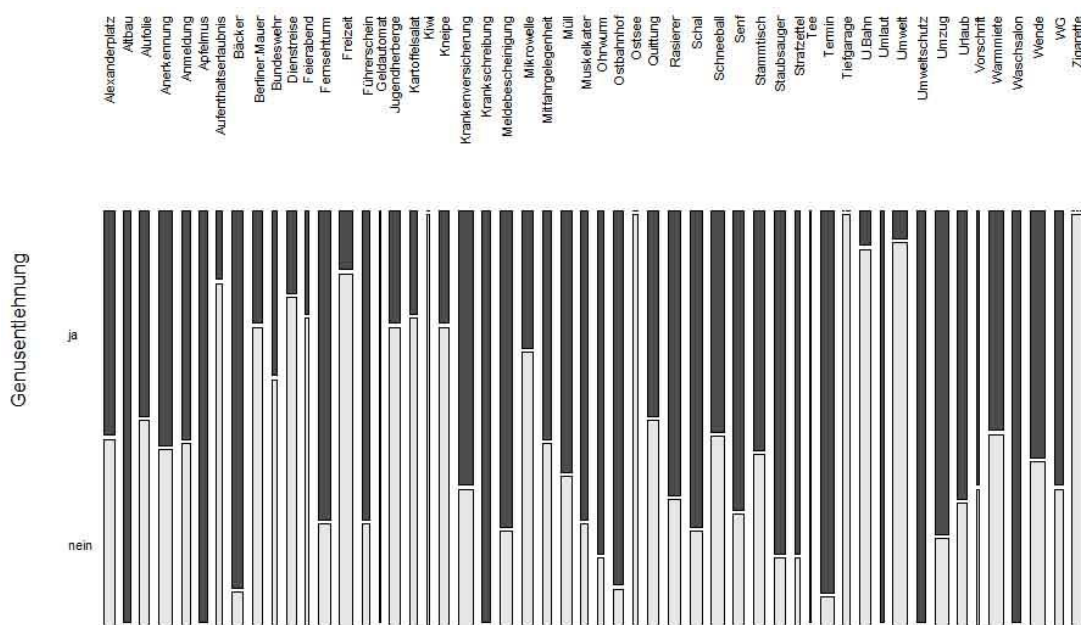


Abbildung 8: Anteil der Genusentlehnung pro Wort

Auf den ersten Blick wird deutlich, dass ein großer Unterschied hinsichtlich der Entlehnungsanteile der Wörter besteht. Bei manchen wird das Genus sehr häufig aus dem Deutschen mitentlehnt (dunkler Anteil), wie zum Beispiel bei *Krankschreibung*, bei anderen weisen die Befragten eher das Genus des Übersetzungsäquivalents zu (heller Anteil), beispielsweise bei *Zigarette*.

Wie bereits angemerkt wurde, kann weder das Verhalten der Befragten noch das der betrachteten Wörter hinsichtlich der Genuszuweisung generalisiert werden. Deswegen müssen weitere Merkmale, die Einfluss auf die Genuszuweisung haben können, betrachtet werden.

Die absoluten Zahlen zeigen, dass die 17 Befragten 294 Mal das Genus mitentlehnt haben und 220 Mal nach der semantischen Analogie vorgegangen sind.

Der einfach Chi-Quadrat-Test ist ein statistischer Verteilungstest. Ihm liegt eine Nullhypothese zugrunde, die annimmt, dass alle Merkmalsausprägungen der Variablen einer bestimmten mathematischen Verteilung unterliegen. Wie auch bei Rothe wurde in dieser Untersuchung die Nullhypothese formuliert, dass die Variable Genuszuweisung gleich verteilt ist. Demnach dürfte es keine Präferenz für ein Genus geben. Die Wahrscheinlichkeit das ein Genus mitentlehnt wird, müsste genauso hoch sein, wie die, dass es der semantischen Analogie folgt.

Die Nullhypothese des Chi-Quadrat-Tests für die Zuweisungsprinzipien ist mit einer Signifikanz von $p=0.001099$ abzulehnen. Demnach ist die hohe Anzahl der Genusentlehnung nicht zufällig, sondern signifikant. Rotheres, Edels und González' Annahme, dass Sprecher, die keine muttersprachliche Kompetenz in der Gebersprache haben, bei Entlehnung das Genus des Übersetzungsäquivalents zuweisen, lässt sich mit dieser Untersuchung zumindest für kulturelle Ad-hoc-Entlehnungen widerlegen.

4.2.2. Genuskompetenz

Wie bereits erwähnt, scheint die Sprachkompetenz in der L2 einen großen Einfluss auf die Genuszuweisung zu haben. In diesem Rahmen wird nicht die Sprachkompetenz, sondern

lediglich die Genuskompetenz betrachtet, da es umstritten ist, wie die latente Variable Sprachkompetenz überhaupt zu messen sei. Die Genuskompetenz wurde anhand der korrekt zugeordneten deutschen Genera pro Befragten ermittelt. Die durchschnittliche Genusfehlerquote liegt bei 18,12 Wörtern (34%). Die Spanne reicht von 3 bis 43 Fehlern bei 53 abgefragten Wörtern. Die Standardabweichung beträgt 11. Rotheres Annahme, dass mit steigender Kompetenz tendenziell das Genus mitentlehnt wird, soll bei den vorliegenden Daten auf seine Gültigkeit überprüft werden.

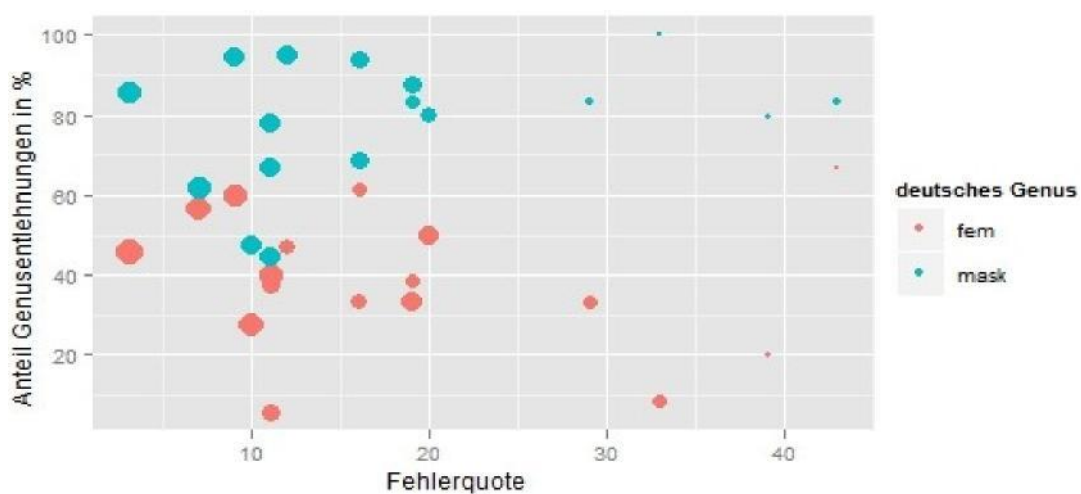


Abbildung 9: Anteil der Genusentlehnungen im Verhältnis zur Fehlerquote

Abbildung 9 zeigt den Anteil der Genusentlehnungen in Abhängigkeit zur Fehlerquote der Befragten. Je größer die Fläche des Kreises, desto mehr Wörter flossen pro Befragten in die Statistik mit ein. Blau steht für deutsche Maskulina und rot steht für deutsche Feminina. Pro Befragter sind zwei Kreise zu sehen, ein Kreis für die deutschen Feminina und einen für die deutschen Maskulina. Insgesamt sind es also 34 Kreise. Eine Tendenz, dass die Befragten mit hohen Genuskompetenz sowohl bei maskulinen als auch bei femininen deutschen Nomen das Genus mitentlehnen, lässt sich erkennen. Befragte mit einer niedrigen Genuskompetenz neigen demnach eher dazu, nur bei den maskulinen Nomen das Genus zu entlehnen und den deutschen Feminina den maskulinen Artikel, also das Genus des Übersetzungsäquivalents,

zuzuweisen. Auch hier gilt es im Hinterkopf zu behalten, dass es sich lediglich um eine Tendenz handelt.

4.2.3. Deutsches Genus der Entlehnung

Die Beobachtung aus 4.2.2, dass Sprecher mit niedriger Genuskompetenz eher das maskuline Genus zuweisen, entspricht der Darstellung in 2.2.2, dass das maskuline Genus bei Entlehnung der Defaultwert sein kann.

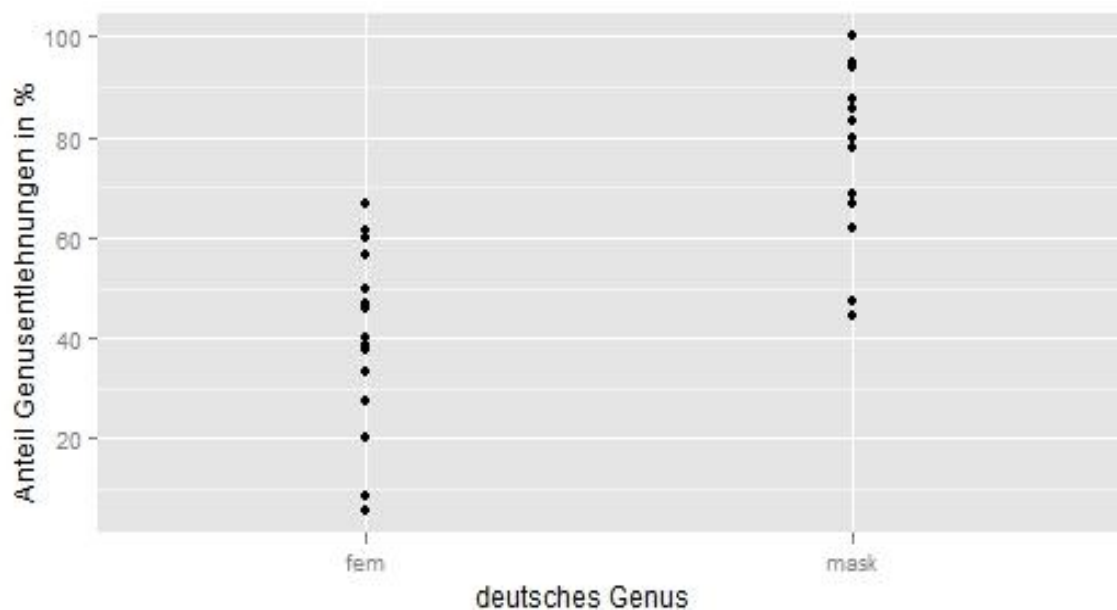


Abbildung 10: Vergleich der deutschen Genera und ihr Anteil an den Genusentlehnungen

Auch Abbildung 10 entspricht dieser Beobachtung. Die Abbildung 10 vergleicht die deutschen Genera hinsichtlich ihrem Anteil der Genusentlehnung in Prozent. Die deutschen Nomen dieser Untersuchung verteilen sich ungefähr gleich auf die Genera (48% Maskulina, 52% Feminina). Der Grafik ist zu entnehmen, dass das Genus der deutschen maskulinen Nomen wesentlich häufiger mitentlehnt wird als das der deutschen Feminina. Demnach wird sowohl den deutschen maskulinen Nomen als auch den deutschen femininen Nomen im Spanischen häufig das maskuline Genus zugewiesen. Das begründet die Annahme, dass das maskuline Genus den Defaultwert darstellt. Bei fehlender Motivation für ein anderes Genus wird den Nomen demnach der Defaultwert zugeteilt.

4.2.4. Genustransparenz

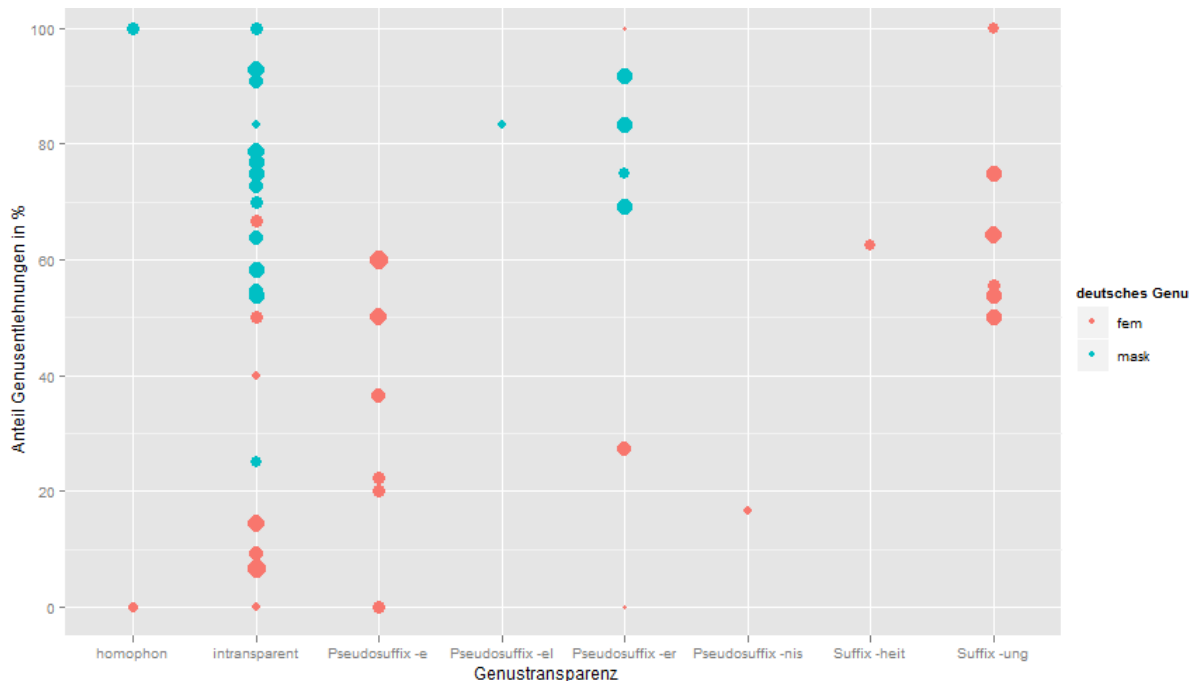


Abbildung 11: Anteil der Genusentlehnungen im Verhältnis zur Genustransparenz

Auch hier ist eine Unterscheidung der Nomen nach ihren deutschen Genera angebracht, da untersucht werden soll, ob eine genusanzeigende morphologische Markierung am Nomen dem unmarkierten Genus überlegen ist. Die Grafik zeigt, dass bei den Derivaten auf *-heit* und *-ung*, die im Deutschen dem Derivat ohne Ausnahme das feminine Genus zuweisen, auch im Spanischen überwiegend das feminine Genus zugewiesen wurde, das deutsche Genus also mitentlehnt wurde. Den deutschen „Pseudosuffixen“ wurde unabhängig davon, ob sie im Deutschen das feminine oder das maskuline Genus anzeigen, im Spanischen das maskuline Genus zugewiesen. Bei deutschen maskulinen Nomen mit „Pseudosuffix“ wurde demnach das Genus mitentlehnt, bei Feminina hingegen wurde das Genus des Übersetzungsäquivalents zugewiesen. Auch diese Beobachtung spricht eindeutig dafür, dass das maskuline Genus der Defaultwert ist. Nur „echte“ Suffixe stehen hierarchisch höher als der Defaultwert.

4.3. Zusammenfassung und Erklärungsansatz

Die Auswertung der Daten zeigt, dass die Interaktion der Genuszuweisungskriterien bei nominalen Entlehnungen sehr komplex ist. Die Reduktion auf die semantische Analogie als alleingültiges Zuweisungsprinzip scheint zumindest bei kulturellen Ad-hoc-Entlehnungen nicht angebracht. Neben der semantischen Analogie spielen die Unmarkiertheit des maskulinen Genus und die morphologischen Merkmale des Nomens eine entscheidende Rolle.

Ein möglicher Erklärungsansatz ist die Optimalitätstheorie (nach Prince und Smolensky 1991). Sie geht „[...] davon aus, dass sprachliche Phänomene durch die Anwendung universeller, aber prinzipiell verletzbarer Beschränkungen (*constraints*) in Form von sprachenspezifischen Beschränkungshierarchien (*constraint rankings*) erklärt werden können“ (Winter-Froemel 2011:13).

Je nach Sprache und Wortbildungsmuster können verschiedene Genuszuweisungsbeschränkungen angenommen werden. In Anlehnung an Scholz (2007) werden die bereits erwähnten Genuszuweisungskriterien für die Anwendung der Optimalitätstheorie wie folgt dargestellt:

MORPHLEX	Bewahre das Genus des morphologischen Kopfs.
BEMASK	Alle Entlehnungen sind maskulin.
IDENT-IO	Bewahre das ursprüngliche Genus des Nomens.
IDENT-OO	Semantische und strukturelle Äquivalente tragen das gleiche Genus wie die Outputform des bereits existierenden Lexems.

Tabelle 2 Genuszuweisungsbeschränkungen für Entlehnungen (Scholz 2007: 47, leicht abgeändert)

Die in Konkurrenz stehenden Kandidaten sind bei den angenommenen deutsch-spanischen Sprachmischungen *el* und *la*. Es wird das Genus zugewiesen (angezeigt durch), das nur niedrig gerankte Beschränkungen verletzt (vgl. Scholz 2007:34). Verletzt ein Kandidat ein Constraint, so wird er mit dem *violation mark* (*) gekennzeichnet und wenn er ausscheidet, mit einem Ausrufezeichen (!).

Aus den analysierten Daten geht hervor, dass die Beschränkung MORPHLEX in der Hierarchie höher steht als BEMASK.

Krankschreibung	MORPHLEX	BEMASK	IDENT-IO	IDENT-Oo
Krankschreibung [m]	!*			*
Krankschreibung [f]		*	*	

Tabelle 3: Genuszuweisung für ein genustransparentes Nomen

Bei Nomen, die aufgrund ihrer Morphologie nicht genustransparent sind, stehen auch das ursprüngliche Genus (IDENT-IO) und das Genus des Übersetzungsäquivalenz (IDENT-Oo) in Konkurrenz zu BEMASK. Entgegen Rothes Annahme wird IDENT-IO als hierarchisch höher angenommen als IDENT-Oo. Dass keine eindeutige Entscheidung getroffen werden kann, zeigt die Betrachtung eines ursprünglich maskulinen (vgl. Tab. 4) und eines femininen (vgl. Tab. 5) Nomens:

Termin	MORPHLEX	BEMASK	IDENT-IO	IDENT-Oo
Termin [m]				*
Termin [f]		!*	*	

Tabelle 4: Genuszuweisung für ein genusintransparentes, urspr. maskulines Nomen

Freizeit	MORPHLEX	BEMASK	IDENT-IO	IDENT-Oo
Freizeit [m]			*	
Freizeit [f]		!*		*

Tabelle 5: Genuszuweisung für ein genusintransparentes, urspr. feminines Nomen

Da der Defaultwert bei allen Nomen als Beschränkung zutreffen kann und er außerdem hoch *gerankt* ist, müsste bei genusintransparenten Nomen überwiegend das maskuline Genus zugewiesen werden. Wie Abbildung 11 zeigt, ist das auch häufig, aber nicht immer, der Fall. Dass bei einigen Nomen (z.B. *Alexanderplatz*, *Schneeball*) keine klare Präferenz eines Genus erkenntlich ist, erklärt die Optimalitätstheorie anhand verschiedener „Kräfte“, die nur eine

Tendenz zulassen. Unter den Beschränkungen ist die Konkurrenz nicht immer gleich stark, sondern es kann auch ein asymmetrisches Kräfteverhältnis herrschen.

Nach der Optimalitätstheorie gibt es keine perfekte, sondern nur eine optimale Outputform (vgl. Winter-Froemel 2011: 14). Anhand der hier dargestellten Ergebnisse könnte eine Hierarchie der Zuweisungsbeschränkungen nach folgendem Schema (13) aussehen:

(13) Derivation mit „echtem“ Suffix > Unmarkiertheit des maskulinen Genus > semantische Prinzipien

168

Die hier nur knapp vorgestellte Optimalitätstheorie ist ein möglicher Erklärungsansatz für die Genuszuweisung deutscher kultureller Ad-hoc-Entlehnungen. Es konnte gezeigt werden, dass verschiedene sprachliche Kriterien die Genuszuweisung beeinflussen. An der Oberfläche scheint es, als würde das Genus maskuliner Nomen tendenziell mitentlehnt werden. Allerdings spielen neben den semantischen Prinzipien auch die Morphologie und der Defaultwert eine entscheidende Rolle.

5. Schlussbemerkung und Ausblick

Die vorliegende Arbeit befasste sich mit verschiedenen Aspekten der Sprachmischung innerhalb der Nominalphrase mit dem Ziel, Genuszuweisungsstrategien bei kulturellen Ad-hoc-Entlehnungen monolingualer Sprecher zu untersuchen. Dazu wurden zunächst der Begriff Entlehnung definiert und vom Code-Switching abgegrenzt. Außerdem wurden die verschiedenen Typen der Entlehnung vorgestellt, wobei besonders die kulturelle Entlehnung Betrachtung fand. Anschließend wurden die beiden Ausgangssprachen Spanisch und Deutsch hinsichtlich ihres Genussystems und ihrer Genuszuweisungsregularitäten verglichen. Es stellte sich heraus, dass sich beide Sprachen besonders in ihrer Genusstransparenz unterscheiden. Die psycholinguistische Perspektive des Phänomens Entlehnung sollte Aufschluss über den Einfluss der Genustransparenz und -kompetenz auf die Genuszuweisung geben. Hinsichtlich letzterer stellt Rothe (2012) bei ihrer Untersuchung fest:

Einfach-Erstsprachige übertragen für gemischte Nomen aus ihrer Fremdsprache (Sprache A) das Genus des Übersetzungsäquivalents, weil sie das Genus des Nomens aus der Sprache A nicht mit übernehmen und sie über die Wortassoziation das Genus des Übersetzungsäquivalents – des Nomens der Sprache B – zuweisen (Rothe 2012:226).

Die durch diese Arbeit gewonnenen Ergebnisse sprechen in Bezug auf kulturelle Ad-hoc-Entlehnungen gegen Rothes Annahme. Eine Generalisierung der Sprecher, wie Rothe sie vornimmt, scheint in diesem Zusammenhang nicht angemessen zu sein. Die Ergebnisse haben gezeigt, dass die Annahme einer wort- und sprecherspezifischen Genuzuweisungsstrategie begründet ist.

Die Genuskompetenz ist also nicht ausschlaggebend dafür, ob ein Sprecher dem Prinzip der Genusentlehnung oder der semantischen Analogie folgt. Das ursprüngliche Genus des entlehnten Wortes spielt anscheinend eine viel größere Rolle, da die Unmarkiertheit einer Struktur ein viel wichtigeres Kriterium bei der Genuszuweisung ist. Ausgehend von dieser Erkenntnis ist es fraglich, von Genusentlehnung und semantischer Analogie als Zuweisungsprinzipien zu sprechen, da das ursprüngliche Genus der Entlehnung hierbei keine Beobachtung findet. Um eine unmarkierte Struktur zu erreichen, scheint es angebrachter von „Genusbeibehaltung“ oder „Genusübernahme“ bei Maskulina und von „Genusneuzuweisung“ bei Feminina zu sprechen. Diesem Prinzip scheint nur die morphologische Markierung durch „echte“ Suffixe überlegen zu sein³¹. Interessant wäre in diesem Rahmen eine Beobachtung, wie sich deutsche Neutra im Entlehnungsprozess verhalten. Es ist anzunehmen, dass auch sie überwiegend dem maskulinen Genus im Spanischen zugewiesen werden.

Allgemein handelt es sich bei den Daten nicht um real-sprachliche Äußerungen. Da sie nicht fest zum Inventar der Sprachgemeinschaft gehören, können sie teils starken Genusschwankungen unterliegen.

³¹ Bei keiner der Prinzipien handelt es sich um Regeln. Vielmehr sind es Tendenzen, die beobachtet werden konnten. Sie müssten aufgrund der geringen Datenlage mit empirischen Untersuchungen verifiziert werden.
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

Bei einer umfangreicheren Studie zu der hier untersuchten Thematik müssten für aussagekräftige Daten unbedingt mehr Sprecher befragt werden. Außerdem sollte vor der Elizitation der Nomen eine sorgfältige Auswahl anhand real geäußerten Sprachdaten der Sprecher getroffen werden. So kann sichergestellt werden, dass der Sprecher das Wort kennt und nutzt. Bei der Betrachtung real-sprachlicher Äußerungen kann untersucht werden, ob der Sprecher je nach Gesprächspartner und deren L1 unterschiedliche Genera zuweist. Entlehnt der Sprecher vielleicht häufiger das Genus mit, wenn er mit Sprechern mit L1 Deutsch und L2 Spanisch spricht? Nutzt er gegenüber Sprechern mit L1 Spanisch und L2 Deutsch häufiger das Genus des Übersetzungsäquivalents? Inwieweit spielt die Sprachkompetenz des Sprechers und seines Gesprächspartners eine Rolle für die Genuszuweisung bei gemischten Nominalphrasen?

Eine weitere Möglichkeit real-sprachliche Äußerungen zu untersuchen, ist die Betrachtung von Internetmedien, v.a. Foren und Blogs. Anhand eines Korpus könnten Aussagen getroffen werden, wie frequent Sprachmischungen innerhalb der Nominalphrase sind und welche morphosyntaktischen Strukturen sie ausweisen.

Literaturverzeichnis

AKIN, Melissa (2009): *Assessment and remediation of aphasia in a multilingual world. With special reference to the English, German and Turkish languages*. Diplomarbeit Universität Wien.

ALARCÓN, Irma (2006): *The Second Language Acquisition of Spanish Gender Agreement: The Effects of Linguistic Variables on Accuracy*. München.

BANAZ, Halime (2002): *Bilingualismus und Code-switching bei der zweiten türkischen Generation in der Bundesrepublik Deutschland*. Sprachverhalten und Identitätsentwicklung. Universität Essen.

BÜNNAGEL, Werner (1993): *Fehlerlinguistik und computerunterstützte Fremdsprachenerwerbsforschung*. Frankfurt a.M.

CARTAGENA Nelson/GAUGER, Hans-Martin (1989): *Vergleichende Grammatik Spanisch – Deutsch*. Bd. 1. Mannheim, Wien, Zürich.

CORBETT, Greville (1991): *Gender*. Cambridge.

DELL, Gary S. (1986): *A spreading-activation model of retrieval in sentence production*. In: **Psychological Review**, 93: 283-314.

DUDEN: *Die deutsche Rechtschreibung*. Internet: <http://www.duden.de/suchen/dudenonline/> (letzter Zugriff: 28.03.2012)

EDEL, Kristina (2007): *Strukturen des Bilingualismus – untersucht am Codeswitching Deutsch/Spanisch*. Frankfurt a.M., London.

EICHLER, Nadine (2011): *Code-Switching bei bilingual aufgewachsenen Kindern. Eine Analyse der gemischtsprachlichen Nominalphrasen unter besonderer Berücksichtigung des Genus*. Tübingen.

FRIES, Norbert (2001): *Ist Deutsch eine schwere Sprache? Am Beispiel des Genus-Systems*. In: Schierholz, Stefan (Hg.): **Die deutsche Sprache in der Gegenwart**. Festschrift für Dieter Cherubim zum 60. Geburtstag 2001. Hamburg.

GONZÁLEZ VILBAZO, Kay E. (2005): *Die Syntax des Code-Switching. Esplugisch: Sprachwechsel an der Deutschen Schule Barcelona*. Dissertation. Köln.

HELBIG, Gerhard/ BUSCHA, Joachim (2001): *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin, München.

HOBERG, Ursula (2004): *Grammatik des Deutschen im europäischen Vergleich. Das Genus des Substantivs*. In: **Amades**. Arbeitspapiere und Materialien zur deutschen Sprache, 3/04. Mannheim.

KÖPCKE, Klaus-M./ ZUBIN, David A. (1983): *Sechs Prinzipien für die Genuszuweisung im Deutschen: Ein Beitrag zur natürlichen Klassifikation*. In: **Linguistische Berichte** 93/1984. Opdalen.

KROLL, Judith/ DE GROOT, Annette (1997): *Lexical and conceptual memory in the bilingual: Mapping form to memory in two languages*. In de Groot, Annette/, Joachim (Hg.): *Tutorials in bilingualism*. Erlbaum, 169-200.

LEVELT, Willem J. M./ ROELOFS, Ardi/ MEYER, Antje S. (1999): *A theory of lexical access in speech production*. In: **Behavioral and Brain Sciences**, 22. 1-75.

MUYSKEN, Pieter (2000): *Bilingual speech*. Cambridge.

MYERS-SCOTTON (1993): *Duelling Languages. Grammatical Structure in Codeswitching*. Oxford.

OJEDA, Almerindo E. (1984): *A Note on the Spanish Neuter*. In: **Linguistic inquiry**. 171-173.

ÖZDIL, Erkan (2010): *Codeswitching im zweisprachigen Handeln. Sprachpsychologische Aspekte verbalen Planens in türkisch-deutscher Kommunikation*. Münster.

PLANK, Frans. (1986): *Paradigm size, morphological typology, and universal economy*. *Folia Linguistica*, 20. 29-48.

POPLACK, Shana (1980): *Sometimes I'll start a sentence in English Y TERMINO EN ESPAÑOL: Toward a typology of codeswitching*. In: *Linguistics*, 18. 581-618.

PRINCE, Alan/ SMOLENSKY, Paul (1993): *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Internet: roa.rutgers.edu/files/537-0802/537-0802-PRINCE-0-0.pdf (letzter Zugriff: 22.03.2012)

PÜTZ, Martin (1993): *Bilinguale Sprecherstrategien: Code-switching, Integration und ad-hoc Entlehnungen*. In: Eichinger, Ludwig M./ Raith, Joachim (Hg.): **Sprachkontakte. Konstanten und Variablen**. Bochum. 181-195.

ROTHER, Astrid (2012): *Genus und Mehrsprachigkeit: Zu Code-Switching und Entlehnung in der Nominalphrase*. Heidelberg.

SANKOFF, David/ POPLACK, Shana/ VANNIARAJAN, Swathi (1990): *The case of the nonce loan in Tamil*. Internet: <http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/shanapoplack/pubs/articles//SanKoffPoplackVanniarajan1990.pdf> (letzter Zugriff: 22.03.2012).

SCHOLZ, Cosima (2007): *Genuszuweisung im Deutschen*. Magisterarbeit. Köln.

SCHRIEFERS, Herbert/ JESCHENIAK, Jörg D. (2003): *Lexikalischer Zugriff und grammatische Kodierung*. In: Rickheit, Gert/ Herrmann, Theo/ Deutsch, Werner (Hg.): **Psycholinguistik. Ein internationales Handbuch**. Berlin. 252-262.

SCHWARZE, Brigitte (2008): *Genus im Sprachvergleich. Klassifikation und Kongruenz im Spanischen, Französischen und Deutschen*. Tübingen.

WEGENER, Heide (1995): *Die Nominalflexion des Deutschen – verstanden als Lerngegenstand*. Tübingen.

WINTER-FROEMEL, Esme (2011): *Entlehnung in der Kommunikation und im Sprachwandel. Theorie und Analysen zum Französischen*. Berlin, Boston.

Anhang

Der Fragebogen

¡Por favor, escribe el artículo español (**el** o **la**) que en tu opinión es correcto!

1. _____ Umlaut
2. _____ Müll
3. _____ Mikrowelle
4. _____ Staubsauger
5. _____ Senf
6. _____ Schal
7. _____ Meldebescheinigung
8. _____ Altbau
9. _____ Krankenversicherung
10. _____ Rasierer
11. _____ Bäcker (*Tienda/ Laden*)
12. _____ Alufolie
13. _____ Anerkennung
14. _____ Apfelmus
15. _____ Termin
16. _____ Dienstreise
17. _____ Feierabend
18. _____ Quittung
19. _____ Tee
20. _____ Geldautomat
21. _____ U-Bahn
22. _____ Kartoffelsalat
23. _____ Tiefgarage
24. _____ Ohrwurm
25. _____ Vorschrift
26. _____ Ostsee
27. _____ Fernsehturm
28. _____ Krankschreibung
29. _____ Bundeswehr
30. _____ Waschsalon
31. _____ WG
32. _____ Ostbahnhof
33. _____ Alexanderplatz
34. _____ Wende

35. _____ Mitfahrgelegenheit
36. _____ Freizeit
37. _____ Urlaub
38. _____ Muskelkater
39. _____ Warmmiete
40. _____ Umzug
41. _____ Berliner Mauer
42. _____ Strafzettel
43. _____ Kneipe
44. _____ Umweltschutz
45. _____ Kiwi
46. _____ Führerschein
47. _____ Schneeball
48. _____ Jugendherberge
49. _____ Umwelt
50. _____ Zigarette
51. _____ Aufenthaltserlaubnis
52. _____ Anmeldung
53. _____ Stammtisch

¡Por favor, escribe el artículo alemán (**der, die** o **das**) que en tu opinión es correcto y pon la **traducción** española o una descripción!

¡Por favor, si no conoces la palabra, haz una cruz delante de la palabra!

der, die, das

Traducción/descripción al español

- | | |
|--|-----------|
| 1. _____ Altbau | 1. _____ |
| 2. _____ Müll | 2. _____ |
| 3. _____ Mikrowelle | 3. _____ |
| 4. _____ Alexanderplatz | 4. _____ |
| 5. _____ Feierabend | 5. _____ |
| 6. _____ Schal | 6. _____ |
| 7. _____ Meldebescheinigung | 7. _____ |
| 8. _____ Umlaut | 8. _____ |
| 9. _____ Krankenversicherung | 9. _____ |
| 10. _____ Rasierer | 10. _____ |
| 11. _____ Bäcker (<i>Tienda/Laden</i>) | 11. _____ |
| 12. _____ Anmeldung | 12. _____ |
| 13. _____ Anerkennung | 13. _____ |
| 14. _____ Dienstreise | 14. _____ |
| 15. _____ Termin | 15. _____ |
| 16. _____ Kiwi | 16. _____ |
| 17. _____ Alufolie | 17. _____ |
| 18. _____ Quittung | 18. _____ |
| 19. _____ Apfelmus | 19. _____ |
| 20. _____ Geldautomat | 20. _____ |
| 21. _____ U-Bahn | 21. _____ |
| 22. _____ Stammtisch | 22. _____ |
| 23. _____ Kartoffelsalat | 23. _____ |
| 24. _____ Tiefgarage | 24. _____ |
| 25. _____ Ohrwurm | 25. _____ |
| 26. _____ Vorschrift | 26. _____ |
| 27. _____ Tee | 27. _____ |
| 28. _____ Fernsehturm | 28. _____ |
| 29. _____ Krankschreibung | 29. _____ |
| 30. _____ Bundeswehr | 30. _____ |
| 31. _____ Waschsalon | 31. _____ |
| 32. _____ WG | 32. _____ |
| 33. _____ Ostbahnhof | 33. _____ |
| 34. _____ Umwelt | 34. _____ |

- | | | |
|-----------|----------------------|-----------|
| 35. _____ | Wende | 35. _____ |
| 36. _____ | Senf | 36. _____ |
| 37. _____ | Freizeit | 37. _____ |
| 38. _____ | Urlaub | 38. _____ |
| 39. _____ | Muskelkater | 39. _____ |
| 40. _____ | Warmmiete | 40. _____ |
| 41. _____ | Umzug | 41. _____ |
| 42. _____ | Berliner Mauer | 42. _____ |
| 43. _____ | Mitfahrgelegenheit | 43. _____ |
| 44. _____ | Kneipe | 44. _____ |
| 45. _____ | Umweltschutz | 45. _____ |
| 46. _____ | Ostsee | 46. _____ |
| 47. _____ | Führerschein | 47. _____ |
| 48. _____ | Schneeball | 48. _____ |
| 49. _____ | Jugendherberge | 49. _____ |
| 50. _____ | Staubsauger | 50. _____ |
| 51. _____ | Aufenthaltsurlaubnis | 51. _____ |
| 52. _____ | Zigarette | 52. _____ |
| 53. _____ | Strafzettel | 53. _____ |

1. Edad: _____
2. Sexo: femenino
 masculino
3. Lugar de nacimiento: _____
4. Nivel escolar: noveno/ décimo grado
 bachillerato/bachiller/ pre
 formación/ técnico medio
 bachelor
 master/ diploma/ licenciado
 doctorado
5. ¿A qué te dedicas en Alemania? _____
6. En Alemania desde hace: _____ meses
7. ¿Estudias/ estudiaste alemán en la escuela? Sí _____ meses
en la universidad? Sí _____ meses
en el curso de integración? Sí _____ meses
en una escuela de idiomas? Sí _____ meses
9. ¿Qué idioma(s) hablas en casa? alemán
 español
 alemán y español
 otra: _____